



A photograph of a tree leaning over a body of water under a dramatic, cloudy sky at sunset or sunrise. The tree's trunk is dark and silhouetted against the lighter sky. The water is calm, reflecting the colors of the sky. The sky is filled with large, textured clouds, with a bright glow near the horizon where the sun is setting or rising.

A LIAHONA

Março

1967

LEITURA MEMORÁVEL



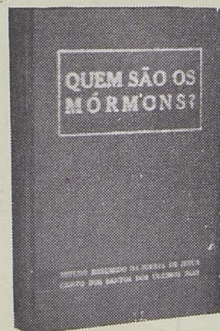
Livros que serão companheiros, livros importantes que aprofundam o seu conhecimento do evangelho... êsse é o tipo de livros que você encontrará no Centro Editorial Brasileiro



Cr\$ 7.000

A IGREJA RESTAURADA

Em magnífica apresentação a quatro cores, encadernado em percaline, profusamente ilustrado com fotografias e mapas históricos, êste volume propicia um estudo essencial da história do desenvolvimento e da doutrina dos santos dos últimos dias. Tem sido de largo uso nos seminários e escolas da Igreja, estando agora em sua décima edição em inglês e primeira em português. Oferece ainda extensa bibliografia e completo índice de referências.



Cr\$ 1.000

QUEM SÃO OS MÓRMONS?

Um estudo resumido da Igreja, apresentando de maneira agradável e franca resposta às perguntas iniciais sobre o mormonismo, tais como, "quem são eles, em que acreditam, qual é o seu programa." Amplamente ilustrado com fotografias históricas.

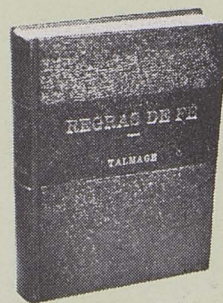


Cr\$ 1.100

Cr\$ 1.500 c/ capa

O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, em quatro cores, êste importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui uma ótima sugestão para um presente inspirador.



Cr\$ 1.120

REGRAS DE FÉ

Apresenta um estudo das principais doutrinas da Igreja, de forma aperfeiçoada e em parte reescrita. Contém conhecimentos indispensáveis tanto ao membro da Igreja quanto ao observador de fora; esta obra foi traduzida para as principais línguas do mundo.

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

Rua Afonso Braz, 464 -
fone 61-2344 - São Paulo

Peça agora!

Centro Editorial Brasileiro - Rua Afonso Braz,
464 - fone 61-2344 - São Paulo

Quem são os mórmons? A Igreja Restaurada

O Livro de Mórmon Regras de Fé

Incluso cheque visado pagável na Praça de
São Paulo

Nome

Enderêço

Cidade Estado

explorando o universo



Dr. Franklin S. Harris Jr.

TENSÃO DA PELE HUMANA

Os estudos das propriedades mecânicas da pele humana realizados na Universidade de Strathclyde, Escócia, mostraram que a pele de um adulto de 43 anos esticou duas vezes mais, com a mesma tensão, que a pele de um adulto de 74 anos de idade. Uma pele feminina de 18 anos esticou muito mais que a de uma mulher de 43 anos, que por sua vez esticou muito mais que a pele de uma mulher de 74 anos de idade.

ANIMAIS NECESSITAM AFETO

O afeto é importante no desenvolvimento do animal? Dois grupos de ratos mansos foram colocados nas mesmas condições, exceto que um dos grupos nunca era tocado e o outro era diariamente acariciado. Após certo tempo ambos os grupos foram submetidos a testes. Descobriu-se que os ratos que foram acariciados aprendiam mais depressa e suportavam melhor as condições de fome e frio. Pareciam estar em melhores condições físicas e mentais que os ratos que não haviam sido acariciados.



APRENDENDO POR MEIO DE MINHOCAS

Pesquisas levadas a efeito pela Universidade de Michigan descobriram que o processo de aprendizado produz mudanças químicas. Quando as minhocas que aprenderam a responder a um estímulo luminoso são comidas por outras minhocas que não receberam tal treinamento, essas minhocas destreinadas assim alimentadas aprendem a responder a um estímulo luminoso várias vezes mais depressa que as minhocas ordinárias.

Margô de 1967

LIAHONA

MARÇO DE 1967

VOL. XXI — N.º 3

ARTIGOS

- Quem sou eu? 8
Faça com que os conflitos trabalhem a nosso favor 10
Edifique sua vida para ser útil 20
Então é disso que são feitos os meninos? 31
Cristóvão Colombo e o Livro de Mórmon 34

SEÇÕES

- Explorando o Universo 3
Mensagem de Inspiração 4
Página Feminina 5
Meu Cantinho 14
Escola Dominical 16
Ensino 22
Sacerdócio de Melquisedeque 26
Jóias do Pensamento 27
Ciência e Religião 28
Notícias 37
Última Palavra 38
Programa Noite Familiar
(páginas centrais)

Capa: Rui M. Bronze

A LIAHONA — R. Afonso Braz, 464, 3.º, cj. 31 fone 61.2344 - São Paulo.

Hélio da Rocha Camargo, *Editor*; Laís Nely Manzotti, *Redatora*; Rui Marques Bronze e Floriano Peixoto da Costa, *Fotógrafos*; F. Máximo, José Vieira Neto, Merly P. Stringhetti, Regina Kauag e Tereza Cristina da Rocha Costa, *Tradutores*. A Revista "A Liahona", editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é o órgão oficial em língua portuguesa da estaca e missões brasileiras de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráfica S.A., R. Ana Neri, 466, São Paulo.

Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP.

Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215 - fone 80-4638, C.P. 862, São Paulo, SP.

Missão Brasileira do Sul, R. Gal. Carneiro, 490, fone 4-8016, C.P. 778, Curitiba, PR.

Missão de Construção, R. Itapeva, 378, fone 33-6761, São Paulo, SP.

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era*, *The Instructor*, *The Relief Society Magazine* — *The Children's Friend* e *Church News*.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação.

Preços: Brasil, Ano: Cr\$ 3.000; Exterior, Ano US\$ 4.00; Exemplar: Cr\$ 300; Número Anterior: Cr\$ 600.



O Poder do Sacerdócio

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO DO PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

O Sacerdócio é inerente à divindade. É a autoridade e o poder que tem a sua fonte no Pai Eterno e em seu Filho, Jesus Cristo.

Falamos de certos poderes e prerrogativas do presidente dos Estados Unidos, de direitos e privilégios votados no Congresso, do poder da Suprema Corte dos Estados Unidos; e a origem de tal autoridade compreendemos facilmente. Em última análise, a origem centraliza-se no povo, como um corpo organizado. Procurando a origem do sacerdócio, contudo, nada podemos conceber além do próprio Deus. Ele é o centro e é dele que o sacerdócio deve emanar.

O Sacerdócio sendo, assim, inerente ao Pai, segue-se que somente ele pode dá-lo a outrem. O Sacerdócio possuído pelo homem deve ser sempre delegado com autoridade. Nunca houve um ser humano no mundo que tivesse o direito de arrogar a si mesmo o poder e a autoridade do sacerdócio.

Assim como um embaixador de qualquer governo exerce apenas a autoridade que lhe foi dada pelo seu governo, assim o homem que é autorizado a representar a divindade, o faz somente em virtude dos poderes e direitos a ele delegados. Contudo, quando tal autoridade é dada, ela traz, dentro de limitações, os privilégios de um “poder de advogado”, pelo qual um recebe o poder para agir em nome do outro. Todas as ações realizadas de acordo com esse poder têm a mesma força de ligar como se a própria pessoa o tivesse feito.

O Sacerdócio é um “princípio de poder”. Formar uma imagem mental de um princípio, na sua forma abstrata é difícil, se não impossível. Só podemos interpretá-lo quando ele é expresso em ação humana. O princípio é que, algo que é inerente à coisa, determina a natureza dessa coisa. Eu já disse que o sacerdócio centraliza-se na Divindade. Sua última essência, por isso mesmo, é eterna. Como ele acha expressão na vida, manifesta poder. Podemos comparar o poder do sacerdócio como sendo tão potencialmente existente como um reservatório de água represada. Tal poder torna-se dinâmico e produtor de bens somente quando a força liberada torna-se ativa nos vales, campos, jardins e nos lares. Assim o sacerdócio em relação à humanidade é um princípio de

poder somente quando torna-se ativo nas vidas dos homens, voltando seus corações e desejos para Deus e prestando serviços aos seus semelhantes.

Resumindo, o sacerdócio como delegação de poder, é uma aquisição individual. Entretanto, por decreto divino, os homens que são designados para servir reúnem-se em quóruns. Assim, este poder acha expressão através de grupos, tanto como individualmente. O quórum é a oportunidade que têm os homens de idêntica aspiração, para se conhecer, amar e para ajudar uns aos outros. “Viver não é viver para si mesmo, apenas”.

Os membros masculinos da Igreja de doze anos para cima têm lugar nos quóruns — doze diáconos, vinte e quatro mestres, quarenta e oito sacerdotes, noventa e seis élderes, setenta setentas, e sumos-sacerdotes ligados aos grupos eclesiais em cada estaca. Onde não tivermos esse número teremos grupos. Em cada ala temos diáconos, mestres e sacerdotes, e nas estacas, élderes, setentas e sumos-sacerdotes. Cada quórum tem um dever a cumprir. As presidências têm a responsabilidade de reunirem-se em conselho com os membros do quórum e de ensinar-lhes os seus deveres — o trabalho do quórum. Esse é o dever do quórum — não do bispo, não da presidência da estaca, a menos que seja o quórum dos sacerdotes ou dos sumos-sacerdotes.

Para que um quórum funcione, deve haver uma organização na Igreja. Na história das relações de Deus com o homem, os profetas, individualmente, receberam o Santo Sacerdócio algumas vezes, quando não havia nenhuma Igreja regularmente organizada sobre a terra, nunca porém, houve, em tais condições, um quórum de sacerdócio organizado. Por isso mesmo, a Igreja é o meio através do qual a autoridade do sacerdócio pode ser devidamente exercida e administrada. Em qualquer tempo em que a plena autoridade do sacerdócio esteja sobre a terra haverá também uma Igreja. De outro modo, não pode haver nenhuma verdadeira Igreja sem a divina autoridade do Santo Sacerdócio.

O mundo está cheio de organizações e de governos de várias espécies e de igrejas de várias qualidades e denominações, somente, porém, se possuírem um ele-
(*Continua na pág. 9*).

A Mulher Enobrecida

Pres. Belle S. Spafford

Em março de 1840, Êlder Parley P. Pratt transbordante de alegria e gratidão pelas verdades novamente reveladas através da Igreja Restaurada, extravasou os seus sentimentos em termos poéticos que foram publicados na primeira página do número inaugural do "Millennial Star" e mais tarde foram colocados em música. Assim, quando nós, também nos regozijamos com o conhecimento e bênçãos que nos advêm por meio da revelação moderna, nós cantamos as palavras de Êlder Pratt com profundo sentimento:

A alva rompe em Sião
E a verdade faz volver
Depois da longa escuridão.
Depois da longa escuridão,
Bendito o dia a renascer!

Em verdade, as mulheres deveriam regozijar-se com o dia de intenso brilho que se irradiou sobre todas elas com a restauração. Quando os raios do evangelho fulguraram sobre a terra, a mulher foi despertada pela alta posição que poderia alcançar no plano do evangelho e a importância de sua missão divinamente ordenada tornou-se evidente; abriram-se novos horizontes para o seu desenvolvimento e para um viver cheio de propósito, sob a direção do Sacerdócio.

Na primeira metade do século XIX, parecia haver pouquíssima consideração à natureza divina e ao destino da mulher e a vida para ela englobava poucas oportunidades e vantagens contempladas no plano do evangelho.

Retrocedamos brevemente para rever sua posição e circunstâncias. Em verdade é difícil retratar-se com precisão o que poderia ser aplicado a cada mulher daqueles dias. As diferentes circunstâncias econômicas e sociais, as condições e culturas variadas das áreas em que residiam, o movimento para o oeste na América, exigiam adaptações incomuns a fim de encarar os requisitos de sobrevivência — tudo isto contava na vida de uma mulher. Sabemos disto, entretanto, que seu mundo era em larga escala, o seu lar, a sua Igreja e a

sua vizinhança. A vida para a mulher era difícil e muitos grilhões impediam o desenvolvimento de seus talentos e o exercício tanto de suas habilidades como do livre arbítrio concedido por Deus.

Havia barreiras rígidas da lei contra a posse de propriedades e tutela dos filhos. A maioria das indústrias recusava-se a empregá-la e aqueles que lhe ofereciam apenas um trabalho rotineiro de longas horas e baixos salários. Os tabus da sociedade sobre educação e expressão pública, aliados às superstições que prevaleciam, "o cérebro feminino é frágil, incapaz de pensar a sério..." algemavam o seu desenvolvimento pessoal. As vantagens da educação eram extremamente limitadas... Os colégios de educação superior não a admitiam. É bem verdade que as mulheres serviram como professoras de certo modo, mas eram mestras escolares de primário, somente do ABC. Recebiam o mínimo de remuneração, residindo no lar de algum estudante como pensionista, em pagamento.

Quando a educação se aventurou além do nível primário, foi em benefício dos homens e o ensino tornou-se parte do magistério para homens e não para mulheres.

No campo religioso ela teve o privilégio de organizar as senhoras em sociedades beneficentes, embora depois de uma tímida e limitada moda. A maioria das igrejas pareciam ser mantidas por suas sociedades femininas, permitindo que essas decorassem e enfeitassem os altares, se reunissem em oração e discussões religiosas, costurassem para a Igreja e administrassem aos pobres através da venda de seus próprios produtos. Era-lhes proibido, no entanto, votar nos assuntos da Igreja.

Os privilégios políticos das mulheres eram nulos. Havia clubes femininos esporádicos — vizinhos que se reuniam para fins sociais e para exercitar suas mentes — com alguns grupos trabalhando de modo casual pelo bem público. Entretanto, estes clubes, eram mal organizados e os

assuntos eram amplamente controlados pelos maridos daquelas que eram membros.

Em 1833, algumas mulheres intrépidas formaram a Sociedade Feminina Contra a Escravidão, na Filadélfia. O furor que esta sociedade despertou é descrito no livro — *Anjos e Amazonas*, editado pelo Conselho Nacional das Mulheres dos Estados Unidos em 1935. Declarava que a mulher que se identificasse com tal grupo seria considerada tanto arrojada como imprudente pois, na realidade a mulher respeitável não falava em público, nem se organizava em favor de qualquer causa política. Na primeira convenção realizada por esse grupo, uma turba vociferava fora do recinto da reunião e após a mesma, o recinto foi incendiado.

Sob tais condições para a expansão da mulher, chegou a luz do evangelho dissipando a escuridão, a injustiça, a intolerância e glorificando a mulher como filha amada de nosso Pai Celestial, com a missão divinamente ordenada na vida terrena. Iluminou as veredas que a conduziriam ao desenvolvimento de sua missão divina. Abriu-lhe as portas infinitas da oportunidade.

A doutrina e ensinamentos da Igreja Restaurada eram explícitas com respeito à mulher e removeram para todo o sempre a controvérsia superada dos direitos da mulher versus os direitos do homem.

O Dr. John A. Widtsoe, em um artigo publicado na Revista da Sociedade de Socorro, estabelece claramente algumas destas doutrinas e ensinamentos que se seguem:

... ela (a mulher) mantém a responsabilidade dividida com o homem ao estabelecer o reino de Deus... completa igualdade foi concedida pela Igreja entre o homem e a mulher. Eles são iguais em oportunidade, privilégio e direitos. Eles têm um destino comum, que podem obter ou perder por meio de suas ações...

A Igreja dá à mulher direitos totais de voto e de propriedade. Recolhe seus poderes mentais seme-

lhantes aos do homem e o direito de utilizar seus talentos inatos, ao máximo . . .

Esta igualdade não ignora as diferenças naturais entre o homem e a mulher. A mulher é quem tem os filhos e os cria. . . O homem provê as necessidades e conforto da família. Isto não reduz a mulher à dependência. . . A vida familiar. . . é uma empresa cooperativa baseada numa divisão divinamente ordenada para formar, manter e proteger a unidade social que é a família. — Esta deve possuir uma organização. O homem. . . é por decreto divino o cabeça ou o oficial que preside. . . É-lhe confiado o Sacerdócio, mas os benefícios e bênçãos deste Sacerdócio assim conferidos são partilhados por todos os membros da família. . . As maiores bênçãos (disponíveis no templo) são apenas conferidas sobre um homem e uma mulher juntos. Nenhum deles as pode receber em separado.

Se ela (a mulher) aceitar prazerosamente o glorioso dom da maternidade, poderá utilizar o tempo e as forças que sobram para exercitar os seus talentos.

O privilégio de auto-expressão lhe pertence. Pode ingressar na indústria, educação, profissões liberais — qualquer ocupação digna com a boa vontade de todos.

O Dr. Widtsoe continua: Divinamente comissionada, sob sua guarda, estão os espíritos escolhidos que vêm à terra para ganhar um corpo terrestre. . . Em suas mãos jaz o futuro da raça.” (Revista da Sociedade de Socorro, julho de 1943).

Em 1830, quando a Igreja foi organizada, surgiu uma inovação assustadora para a mulher quando foi-lhe permitido pela Igreja o voto religioso. Através de revelação o Senhor dirigiu o profeta, Oliver Cowdery e John Whitmer: “E todas as coisas serão feitas de comum acordo na Igreja. . .” (D&C 26:2)

Lembre-mos de que, em 1830, nenhuma mulher e poucos homens votavam em qualquer corporação religiosa e nenhuma mulher possuía o privilégio de votar politicamente.

Em 1842, o trabalho feminino em edificar o reino, tendo sido aceito pelo Senhor como testificado pelo Profeta quando disse, “Vossas ofertas são aceitas pelo Senhor,” foi concedido às mulheres pelo Senhor, através do Profeta, uma organização estabelecida de acordo com as leis do céu

a Sociedade de Socorro Feminina de Nauvoo, conhecida agora como Sociedade de Socorro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Esta organização era o meio pelo qual as mulheres podiam expressar-se, encontrar oportunidade para o seu desenvolvimento e serviço e com maior efeito, realizar a sua parte na edificação do reino celestial aqui neste planeta.

Na primeira reunião da Sociedade de Nauvoo o Profeta Joseph Smith declarou: “Eu agora giro as chaves em favor das mulheres, em nome do Senhor e esta sociedade se regozijará em conhecimento e inteligência que fluirão de agora em diante; este é o comêço de melhores dias aos pobres e necessitados que se regozijarão e farão derramar bênçãos sobre as vossas cabeças.” (vide DHC, página 604).

De acordo com o Élder Bruce Mc Conkie em um artigo publicado na Revista da Sociedade de Socorro, temos:

“Ao girar as chaves (da Sociedade para as mulheres) o Profeta delegou às oficiais devidamente designadas na nova organização, uma porção das chaves do reino. Sob o Sacerdócio, elas estavam agora autorizadas a dirigir, controlar e governar os negócios da Sociedade. . . Sob esta designação seus atos legislativos seriam reconhecidos pelo Senhor que trabalharia com elas na expansão do reino nessa esfera específica. (Revista da Sociedade de Socorro, março, 1950, pág. 151).

A significativa declaração feita pelo Profeta quanto ao girar as chaves em favor das mulheres é o fundamento sobre o qual um extenso programa educacional para mulheres foi estabelecido e levado a efeito pela Sociedade de Socorro. O programa inclui, tal como expresso pelo Presidente Lorenzo Snow, “um estudo dos assuntos que tendem à elevação e progresso das mulheres em todas as linhas do pensamento e da ação.” Esta declaração é também a base para as atividades beneficentes da Sociedade.

É evidente que nossas mulheres pioneiras compreenderam a visão e a implicação de todos os privilégios esboçados para a mulher no plano do evangelho. É evidente que sentiram também a sua responsabilidade para disseminar estas verdades. Sua publicação pioneira levava o título, “Wo-

man's Exponent” (O Expoente Feminino) — expoente, significando comentarista, intérprete, campeã, representante. Na página fronteira da publicação, diretamente sob o nome, estava o desafio: “Os direitos das Mulheres de São e os Direitos das Mulheres de Todas as Nações.”

A organização da Sociedade de Socorro com o significativo pronunciamento de girar as chaves em favor das mulheres, precedeu por seis anos à primeira declaração pública feita por mulheres exigindo idênticos direitos sociais, industriais, educacionais e políticos — afirmação essa lançada na Convenção de Seneca Falls, formada por um pequeno mas resolutivo grupo de mulheres conhecido como Associação Nacional do Sufrágio Feminino.

Esta declaração é geralmente considerada nos EEUU como o início do chamado movimento feminino — um movimento que ganhou expressão a cada ano que passou até que, hoje em dia, as mulheres podem ser encontradas em quase todo o campo do empreendimento humano e na maioria das nações elas se constituem em um poder a ser reconhecido na vida nacional.

Na luta da mulher pela emancipação, o sufrágio feminino e o direito de ocupar cargos públicos tem sido os objetivos primordiais. As mulheres de Utah, foram as primeiras a receber o sufrágio e mesmo naqueles dias de colonização elas desfrutavam da franquia eleitoral. Desempenhavam uma parte notável no movimento do sufrágio feminino nacional nos EEUU, que culminaram no século XIX com a adoção da emenda da Constituição em 1920, concedendo às mulheres daquela nação o sufrágio total.

Essa luta pelo direito de votar ainda percorre numerosos países; poucos conseguiram conquistar recentemente estes direitos.

Em maio deste ano, a Irmã Florence Jacobsen, Presidente da Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças e eu, comparecemos a uma conferência do Conselho Internacional de Mulheres dos EEUU. A conferência foi realizada no Teerã, Irã, a convite da Princesa Ashraf, irmã gêmea do xá e Presidente do Sumo Conselho do Irã. A conferência realizou-se naquele país em reconhecimento às mulheres iranianas, por haverem recebido o sufrágio em 1963. Foi em 1936 que estas mulheres ga-

nharam permissão de tirar o véu. Fomos levadas a compreender que o xá considera a liberdade das mulheres como um de seus maiores programas destinado a avançar e modernizar esta antiga nação e a promover o bem-estar de seu povo.

Tive uma experiência interessante durante esta conferência. Certa mulher iraniana, que era membro do Parlamento desse país, procurou-me e contou-me a respeito de seus longos, árduos esforços em favor da libertação das mulheres iranianas. Expliquou-me que, a princípio, tinha escasso conhecimento de como proceder na obra para conseguir o sufrágio, fazendo portanto estudos extensivos do movimento em outros países. Assim, ela aprendeu a respeito da liderança que as mulheres de Utah haviam dado a esta causa. Escreveu um livro, disse-me ela, no qual fazia referência a esse trabalho.

Depois, estendeu-me o seu cartão convidando-me a corresponder-me com ela, "pois as mulheres," afirmou, que buscavam ganhar o sufrágio como o haviam feito as mulheres de Utah, deveriam oferecer algo aos outros. A libertação exige ação responsável."

Quão certa ela está! Não é fácil usar a liberdade na devida maneira, pois que deve seguir princípios de retidão e trilhas profundas.

Enquanto que sua emancipação trouxe-lhe infinitas oportunidades e vantagens, não a desviou dos problemas. Em seu zelo pela expressão e liberdade, nós a encontramos frequentemente desenvolvendo atitudes, expressando opiniões, comprometendo-se em novas atividades e buscando metas que não são do interesse de seu melhor proveito nem estão em harmonia com sua natureza ou missão terrestre. Em lugar de esforçar-se para a realização de todo o seu potencial como mulher, nós a vemos quase sempre em competição com o homem, imitando o seu comportamento, seus hábitos, até mesmo sua indumentária e aparência geral. Vêmo-la de algum modo insensível ao seu papel primordial como companheira e adjutora, guardiã do lar, orientadora e protetora dos espíritos confiados ao lar. Nós a vemos desrespeitar o papel que o homem tem como chefe de família em retidão.

As exigências da vida moderna atraem, se não forçam, muitas mulheres a se comprometerem em atividades fora de seus lares, particular-

mente no setor comercial. Para assumir com capacidade estas atividades e ao mesmo tempo encarar competentemente os requisitos do lar e da família e manter um justo equilíbrio ao tratar das responsabilidades da vida, demonstra grande força de julgamento e habilidade de organizar, administrar o lar, demonstrando também força física, espiritual e mental. Estas mulheres devem continuamente perguntar-se, qual de todas as nossas múltiplas responsabilidades têm prioridade sobre nós?

Certo artigo numa revista nacional recentemente lembrou às mulheres que os seres humanos permaneceram humanos porque havia mulheres cujo dever era promover continuidade em suas vidas — estar ali ao lado quando eles fôssem dormir e quando acordassem, aliviar dores, compadecer-se do fracasso e regozijar-se com o sucesso, escutar histórias de corações despedaçados, amenizar, suportar apoiar e estimular os maridos e os filhos, quando estes enfrentassem as vicissitudes de um mundo exterior empedernido. Através de toda a história, o artigo menciona que os filhos têm necessidade das mães, os homens precisam de suas esposas, os jovens, os enfêrmos, os velhos os infelizes, os vitoriosos triunfantes, têm especial necessidade de partilhar com elas e de se preocupar com elas também. Têm necessidade das mulheres que colocam isto em primeiro plano.

É difícil notar que, às vezes, os atributos, as opiniões e ações das mulheres de hoje em dia são inconsistentes ou variam em suas metas mais valiosas e desejadas. Por exemplo, na conferência iraniana, os oradores falaram com sentimento sobre a necessidade de construir uma sociedade mais forte, mais útil e mais feliz. — A fim de realizar isto, elas teriam que dedicar esforços mais intensivos para com o desenvolvimento da comunidade que permitiria melhores oportunidades às mulheres e crianças que, por sua vez, seriam capazes de contribuir de modo significativo para formar uma boa sociedade. Ao mesmo tempo, se dedicariam a programas de desenvolvimento da comunidade, que obteriam mais e mais mulheres na vida da comunidade e as afastariam cada vez mais de seus lares e de seus filhos, enfraquecendo assim o fundamento básico de uma boa sociedade e da cidadania útil e feliz.

Podemos também não duvidar de opiniões como esta, expressa por um dos delegados da conferência: "As mulheres devem aprender a considerar o período de gestação e de criação dos filhos como retiro temporário da vida."

Sugiro que tenha chegado a ocasião em que a mulher possa avaliar com proveito em que direção a emancipação a está conduzindo, verifique os valores que motivam os seus pontos de vista e ações e esforcem-se mais sinceramente a fim de buscar a verdade e como esta se relaciona com o uso apropriado da liberdade que Deus concedeu.

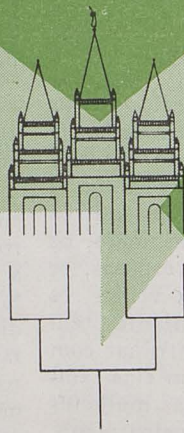
Para resistir à maré de erros, para alterar o pensamento confuso e modificar as ações indevidas por parte das mulheres, exigirá liderança forte e inteligente. Sobre quem permanece a carga desta responsabilidade? Certamente sobre aqueles a quem o Senhor revelou o Seu plano e propósitos para a espécie feminina. Em minha opinião, isto pesa sobre os ombros das mulheres SUD.

Será que as mulheres SUD podem enfrentar esta responsabilidade? Claro que sim! Elas possuem a verdade, a orientação diária dos profetas, a Sociedade de Socorro como intermediária deste trabalho. Elas podem fazê-lo pelo exemplo de suas vidas, recusando a sucumbir às pressões e modas passageiras. Podem fazê-lo pelos seus ensinamentos. Geralmente não é necessário nem aconselhável teimar com as forças opostas, mas por meio de raciocínio claro e equilibrado, através de ensinamentos corajosos e pacientes, pelo exemplo e persuasão, podem apontar o caminho. A Irmã Jacobsen fez isso com influência marcante na conferência iraniana na seção sobre a juventude e vida familiar. Vi a ação ter influência pelas posições que tomei em harmonia com os ensinamentos da Igreja na seção sobre o Bem-Estar Moral e Social. Tenho visto muitas mulheres em estacas e missões da Igreja influenciar ações corretas devido à força de seus testemunhos e sua sensibilidade às diversas responsabilidades como mulheres SUD.

O mundo está repleto de boas mulheres buscando o caminho certo, prontas a aceitar a verdade quando esta lhes for apresentada com clareza e convicção, isenta de criticismo e quando as próprias ações de alguém derem credenciais às suas palavras.

QUEM SOU EU?

Para iniciar a nossa série de lições genealógicas, vamos embarcar para uma maravilhosa viagem. É mais uma viagem mental do que uma viagem física, porém, nos ajudará a compreender quem realmente somos e qual é a divina finalidade da vida terrena.



Antes de partir para a nossa viagem, pedimos para fazer a si mesmo esta pergunta, QUEM SOU EU? (Salmo 100:3) Sou realmente um filho de Deus, como aprendi nas Escrituras Sagradas, e como é enfatizado nas aulas da Primária? Há significação e finalidade em minha vida? (Salmos 8:6). Será o Pai Celestial capaz de ouvir as minhas preces e de respondê-las? (Job 42:2) (Salmos 44:21) Terá a minha vida importância para os outros, ou eu sou apenas uma migalha no oceano da vida? (Timoteo 2:19)

Lemos na Bíblia que “Deus criou o homem à sua própria imagem.” (Genesis 1:27) Quando isso foi feito, devo crer que significava a minha criação assim como a de todos os meus irmãos e irmãs que vivem no mundo? (Abrão 3:22-28)

Quando Cristo estava pregando ao povo em Jerusalém ensinou-lhes a dizer, “Nosso Pai que está nos Céus.” Isso significa que nós somos filhos e filhas de Deus. Que Ele é realmente nosso Pai. (Mateus 6:9) Que nós somos criados à sua imagem e que nós vivemos com Ele, antes da fundação do mundo. (Provérbios 8:22-31)

Em toda parte, nas Escrituras, lemos essa verdade eterna. No Livro de Mórmon os profetas ensinaram que nós somos filhos de Deus e que Ele é o nosso Pai Eterno.

(2 Nefi 9:4-11) (Mosiah 4:21) Em Doutrina e Convênios cada revelação é impressa com a verdade eterna que Deus é nosso Pai e nosso amigo, e está interessado em nosso bem-estar e felicidade. (D&C.19:1-3), (D&C.93:21-24)

Isso sendo verdade, há razão e entendimento na revelação que o Senhor fez a Moisés no Monte Sinai. Lá, discutindo as finalidades da criação e as razões da vida, o Senhor declarou ao grande profeta de Israel, “Porque esse é o meu trabalho e a minha glória, trazer paz, imortalidade e vida eterna ao homem.” (PGV, Moisés 1:39)

O propósito, então, de nosso Pai Celestial, é ter filhos nascidos dEle no mundo dos espíritos, e depois, se forem fiéis, Ele provê várias épocas e lugares para eles nascerem, de modo que tenham a oportunidade de tomar sobre si a imortalidade; que se forem obedientes à verdade do Evangelho poderão herdar a vida eterna. (2 Néfi 9:20), (Alma 26:35), (D&C.38:1-2) Como é acalentador para nós verificar que Deus ama tanto os seus filhos que proveu um meio pelo qual eles podem herdar a mesma glória que Ele tem hoje! (D&C.76:70) Jesus nos ensinou a grande verdade da vida eterna que é conhecer a Deus e a Jesus Cristo. (João 17:1-5) Como poderíamos achar Deus se não fôssemos seus filhos? Conhecemos os nossos pais na carne porque vivemos com eles, fomos obedientes

a êles e fomos amados por êles. Assim é com todos os filhos de Deus. Nós já vivemos com Êle, já fomos obedientes a Êle e fomos nutridos e socorridos na Sua côrte celestial, antes da nossa vinda à carne. (Jeremias 1:5) Assim, é possível aos filhos amarem o Pai Celestial de todo coração, fôrça, mente e poder (D&C.59:5) Somos alguns dos espíritos escolhidos que foram bons no mundo espiritual. O Senhor sabia do princípio ao fim, e sabia que haveria alguns dos seus filhos escolhidos para virem à terra, no princípio da vida na terra, alguns mais tarde, alguns durante o ministério de Jesus, alguns durante a idade das trevas, quando a verdade não se encontrava sôbre a terra, e finalmente, alguns durante o período que conhecemos como o da dispensação da plenitude dos tempos. (Det. 32:7-8), (Atos 17:26), (Col. 3:3), (Atos 15:18) Esta é aquela grande dispensação, quando tôda a verdade será reunida pela revelação direta de Deus, e centralizada na Sua Igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. (Efésios 1:9-10), (D&C 112:30)

Sabendo que vivemos neste período glorioso da existência da terra, e que merecemos tais bênçãos, deve haver alguma obrigação de nossa parte. Viver agora, quando o Evangelho foi restaurado na terra, quando há profetas e apóstolos para nos liderar e guiar, envolve obrigações, privilégios, direitos e oportunidades desfrutadas por apenas alguns dos filhos do nosso Pai Celestial. (D&C.98:11-12)

Algumas das bênçãos e obrigações nós já aceitamos e cumprimos. Outras poderão ser realizadas num futuro próximo, tôdas elas, porém, são importantes para a nossa exaltação. Quando fomos batizados e confirmados membros da Igreja recebemos sôbre nós as necessárias ordenanças que ajudariam a nos qualificar para o reino celestial de Deus. (D&C.76:51-53) O batismo é essencial para a salvação. (João 3:5) A confirmação e a recepção do Espírito Santo é essencial para a entrada na Igreja e no Reino de Deus aqui, sôbre a terra, e também para o nosso avanço no reino da vida celestial. (João 3:5) Há outras ordenanças vitais e eternas que são dadas para nos abençoar e propiciar eterno bem-estar. Para os irmãos da Igreja há a concessão do Sacerdócio de Melquisedeque. (D&C.84:22) Para ambos, irmãos e irmãs da Igreja, há a possibilidade de receber nos templos do Senhor aquêles privilégios e bênçãos que nos permitem ser revestidos com poder nesta vida para sobrepujar as fraquezas da carne e dar a nossos espíritos a possibilidade de exercer liderança e influência sôbre o corpo físico. (D&C.132:7)

Essas divinas verdades do plano eterno são dadas por Deus para benefício e bênçãos espirituais, ou noutras palavras, àqueles de nós que vivem sôbre a terra. Visto que essas verdades são eternas, isso significa que elas não têm fim. Deus é eterno, e tudo que o nosso Pai menciona no Evangelho é eterno. (D&C.45:7)

Todos os filhos do nosso Pai Celestial têm a obrigação de obedecer às mesmas verdades, como nós o fazemos. Se quiserem receber as mesmas bênçãos que nós recebemos, deverão obedecer às mesmas verdades. Deus é o mesmo, dizem as escrituras, ontem, hoje, e para sempre. (Heb. 13:8) A verdade é imutável, por isso mesmo, Deus nosso Pai não muda, porque tôda a verdade permanece nêle, (D&C.93:2, 23-24, D&C.1:39), de maneira que o nosso Pai identifica seus filhos e dá-lhes um nome.

No comêço dos tempos, nós lemos onde Deus deu nome ao primeiro de todos os homens, Adão.

À primeira mulher Êle chamou Eva. (PGV, Moisés 4:26) Mesmo os anjos receberam nomes quando visitaram santos homens, em épocas passadas (Lucas 1:19, 26, Daniel 8:16). A nossos pais foram dados nomes, para que pudessem ser identificados dos outros. Cada um de nós foi batizado com o seu nome, confirmado na Igreja com o seu nome, e por outros irmãos, ordenados no sacerdócio, com os nossos nomes. Os nossos nomes significam algo para nós, pois, é por êles que somos identificados de outra pessoa.

Um dos primeiros passos em genealogia é achar o nosso nome e depois verificar se está perfeitamente certo, a todos os respeitos. Paulo, o Apóstolo, disse que tôda família no céu e na terra tem nome. (Efésios 3:14-15)

Quando temos o nosso nome correto, e os nomes de todos os nossos irmãos e irmãs, juntamente com os de nosso pai e o de nossa mãe, estamos preparados para iniciar o trabalho que o Profeta Joseph Smith descreveu como o maior trabalho que jamais foi dado ao homem realizar. Novamente perguntamos aos santos, em tôda parte, QUEM SOU EU? A resposta não pode ser dada em termos imprecisos. Eu sou um filho de Deus, e os meus registros da Igreja o provam.

(continuação da pág. 4)



mento ou elementos da verdade eterna, subsistirão. Organizações feitas pelo homem estão sempre brotando, existem durante um momento e morrem. Sômente a Igreja que possua o poder eterno e a autoridade do Santo Sacerdócio vive e permanece eternamente.

Antes e depois do ano de 1830, muitas organizações educacionais e econômicas brotaram como paliativos oferecidos a um mundo, social e religiosamente doente. Apareceram e floresceram durante certo tempo, e depois morreram. Foram seguidas por outras que provaram a sua ineficácia em aliviar os males que elas procuravam curar.

Neste mesmo ano, entretanto, Deus restabeleceu uma organização que tem durado, e durará para sempre, devido ao poder divino pelo qual a Igreja foi organizada — o poder do sacerdócio, dado pelo filho de Deus. A esta Igreja podemos aplicar as palavras daquele que falou da “verdade de Deus e da fidelidade, as quais são como o oceano, vasto, profundo e sublime, igual em sua magestade e fôrça inesgotável, ontem, hoje e para sempre; ou mesmo na bonança e na tempestade, dia e noite; imutável enquanto as gerações chegam e passam; eterno, enquanto os séculos passam.”

Há duas condições que precisamos sempre levar em conta quando o sacerdócio é conferido. A primeira delas é o merecimento individual para recebê-lo. A segunda é o serviço que podemos prestar à igreja e aos nossos semelhantes.

O criador é a eterna e permanente fonte do sacerdócio; êle pessoalmente o dirige. É um glorioso privilégio e uma bênção para um homem, possuir o sacerdócio.

Um homem que está, assim, em comunicação com o seu Deus terá a vida suavizada, seu discernimento afiado para decidir rapidamente entre o errado e o certo, seus sentimentos serão ternos e compassivos, embora seu espírito seja forte e valente na defesa do direito; Compreenderá que o sacerdócio é uma infalível fonte de felicidade — uma fonte vibrante correndo em direção à vida eterna.

*As brigas entre casais
são coisas normais.*

*O que é importante é a
maneira como brigamos...*

FAÇA COM QUE OS CONFLITOS

As brigas entre casais são coisa comum. Por serem duas as pessoas envolvidas, se desentenderão algumas vezes. Cada um acha que o seu ponto de vista é o mais importante; por isso mesmo, os indivíduos procuram realçá-lo e defendê-lo. Às vezes o ponto de vista individual está ligado a fatos pessoalmente sensíveis, e não podem ser tratados sem uma grande dose de exibição emocional.

A discussão é a maneira emocional de tratar os desentendimentos que ocorrem freqüentemente. A discussão, ou querela, nem sempre é briga. Discutir pode ser a técnica para procurar tratar os sentimentos indesejáveis resultantes do conflito. Não diremos que discórdia é conflito, ou o recurso às lágrimas, o sarcasmo, o humor nem os arrazoamentos. Do mesmo modo que as querelas, eles podem refletir conflitos ou técnicas usadas por nós para tratar idéias desagradáveis ou conflitantes.

Em outras palavras, o conflito pode existir antes que a querela comece. Achamos os conflitos desagradáveis e temos urgência em resolvê-los, por isso apelamos para a querela, para externá-los e resolvê-los. O problema, entretanto, é que a querela, quase sempre, gira em volta dos problemas apresentados e não em volta do centro real do conflito. O resultado disso é que conflito aberto não é tão perigoso como o conflito oculto (idéias conflitantes que permanecem secretas.)

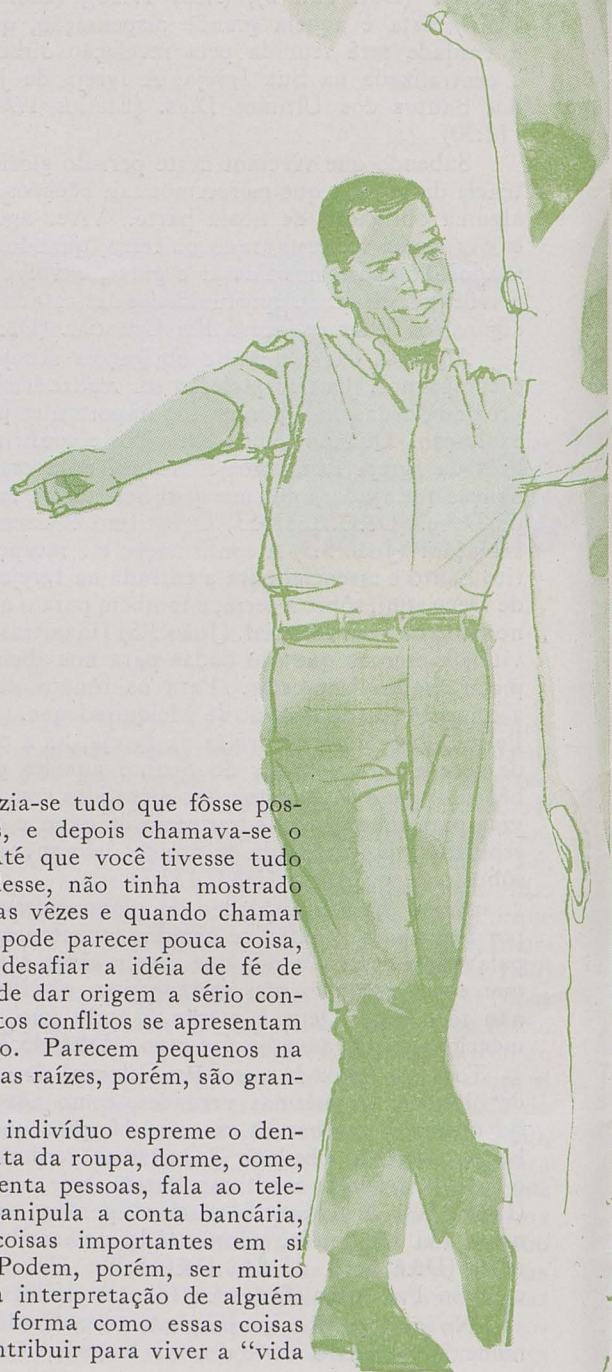
Se queremos que os conflitos trabalhem por nós, precisamos entendê-los e saber onde e como eles emergem, a diferença entre conflito e situação conflitante, e como aliviar a situação conflitante, de tal modo que possamos então, experimentar resolver os conflitos e ter a satisfação e a sensação de ter progredido. Os conflitos no casamento são coisas normais — a maneira de tratá-los é que tem importância.

O CONFLITO E A SITUAÇÃO DO CONFLITO

Os conflitos têm as suas raízes nas personalidades. Um casal de meu conhecimento teve alguns dos seus primeiros desentendimentos sobre a questão religiosa de saber quantas vezes os élderes deveriam ser chamados para administrar aos membros da família. O conflito verdadeiro era diferenciar idéias sobre significações de fé. A mãe tinha sido educada numa família onde fé significava chamar os élderes logo que uma pessoa ficava doente. Confiar em doutores e em remédios era recusar a ajuda de Deus. O pai tinha sido criado numa família

na qual fazia-se tudo que fosse possível antes, e depois chamava-se o médico. Até que você tivesse tudo o que pudesse, não tinha mostrado fé. Quantas vezes e quando chamar os élderes pode parecer pouca coisa, mas para desafiar a idéia de fé de alguém pode dar origem a sério conflito. Muitos conflitos se apresentam dêsse modo. Parecem pequenos na superfície, as raízes, porém, são grandes.

Como o indivíduo espreme o dentífrício, trata da roupa, dorme, come, fala, apresenta pessoas, fala ao telefone ou manipula a conta bancária, não são coisas importantes em si mesmas. Podem, porém, ser muito grandes na interpretação de alguém segundo a forma como essas coisas possam contribuir para viver a "vida



S TRABALHEM A NOSSO FAVOR

boa.” Será que um tubo de dente-fricção apertado no meio é menos agradável do que um apertado na ponta? Esse assunto é pessoal, apertar o tubo no meio pode ofender o senso de boas maneiras ou perturbar uma natureza econômica.

No canto de Salomão vemos que... “São as rapozinhas que estragam a vinha” (Canto de Salomão 2:15). Mais gente é morta todos os anos por picadas de mosquitos do que pisoteada por elefantes. Mais casamentos são desfeitos por causas aparentemente sem importância do que por grandes catástrofes. Ninguém pode compreender quão sério um debate é, realmente, até que conheça as raízes do conflito, e possa de alguma maneira, avaliar a sua significação para o parceiro.

Essas perturbadoras “pequenas” coisas tocam uma área de sensibilidade da pessoa envolvida — ou ela não será perturbada. Estes fatores básicos poderão ser regularidade, padrão de asseio, cortezias, sucesso ou respeito. São fatores muito importantes. As tremendas bagatelas que irritam são sintomas da presença de grandes problemas que demandam tolerância e compreensão. Ainda que creiamos na mesma religião, por exemplo, é possível viver de maneira correta, e com um mínimo ou um máximo de cortezias!

Ligado a estas sensibilidades nos primeiros anos do casamento está a pergunta “Qual é o caminho para vencer?” que precisa ser respondida. Vamos usar um cobertor, três cobertores ou vamos comprar um cobertor elétrico de duplo controle? Dormimos com as janelas abertas ou fechadas? Vamos ter o desjejum de acordo com o seu sistema ou com o meu? Nestas e em muitas decisões de tipo similar, aparece um fator de disputa. (Estou certo que o Senhor quer inspirar os homens em todas as decisões, assim nós não podemos reclamar que essas decisões estejam todas ligadas entre si, como cabeça da família — então devemos admitir que sendo definidas como ajuda, ajudam a ganhar muitas dessas pequenas decisões!) “Liderança” (ou presidir um lar) e “domínio” não é o mesmo, embora sejam freqüentemente vistas assim!

Ninguém realmente escolhe seus pontos fracos e inquietações. Às vezes o indivíduo pode ser aborrecido por aqueles que já os tem. Ninguém pode esperar ter pontos fracos com nexos ou de acordo com um padrão. A mulher não levanta-se pela manhã e diz, “Hoje é o meu dia de brigar, meu dia de resmungar! Amanhã será o meu dia de amabilidades! Nem o homem levanta-se e diz, “Hoje é o meu dia de ter cólicas; amanhã será o meu dia de fazer cortezias!” Por exemplo, tenho um amigo cuja esposa sente-se insegura por não ter uma pequena reserva de dinheiro para emergências. Eles têm uma conta bancária em conjunto, apólices e obrigações, isso porém não é suficiente para dar-lhe uma completa sensação de segurança. Logicamente seus sentimentos quase não têm

significação, emocionalmente porém, têm uma grande dose de sentido quando nós sabemos como passou a sua infância. Muitos de nós achamos alguns aspectos da vida onde não é fácil ser lógico e objetivo.

Nossas personalidades nos ajudam a determinar o que procuramos no casamento assim com nos tipos de conflitos que vamos experimentar. Tôdas as pessoas não desejam o mesmo tipo de casamento. Há os que desejam relações tépidas e tranqüilas. Como um bom cozido, saboroso, nutritivo, nem muito fantasioso nem muito apagado. Demasiada vivacidade e muitas observações da parte de um dos cônjuges, pode provocar conflitos. Outro indivíduo poderá gostar de um pouco de pimenta adicionada ao cozido, porque acha que a rotina e a monotonia podem levar ao conflito. Pesquisas e estudos fazem supor que uma grande porcentagem dos casamentos é do tipo caloroso médio. Querirá isso dizer que um dos caminhos para ter um casamento feliz é estar preparado para caminhar nesse caminho tépido e confortável, capaz de dar satisfação geral?

Outros desejam maior vibração nas relações matrimoniais. Embora desejem a mesma comodidade, eles querem ainda — um sentido de desenvolvimento, de criação, de desafio e de condimento. Em alguns casamentos um dos cônjuges pode pensar assim e o outro não, o que poderá levar ao conflito.

Noutros casamentos os dois cônjuges desejam um tipo de vida dinâmica, através, porém, de diferentes símbolos de progresso — negócios, popularidade, drama, poder, reconhecimento, viagens, política e assim por diante. Os conflitos em tais casamentos são uma batalha no campo do dinamismo.

Nós já esclarecemos o que é o conflito; Que queremos, então, dizer quando dizemos que para lidar com eles precisamos compreensão da situação do conflito? A situação do conflito refere-se à situação padrão na qual os conflitos de um casal geralmente aparecem.

O conflito se caracteriza por um processo de construção mental que vai separando, cada vez mais, um do outro. À medida que a construção do prédio prossegue, as pequenas coisas são ampliadas até que aparece algo que é a gôta d'água que faz transbordar o copo, e o casal começa a reagir abertamente sobre coisas sem importância: talvez ele tenha chegado atrasado cinco minutos; ela deixou o jantar esfriar um pouquinho; Preocupado, ele beijou-a muito de leve, ou não a beijou; ou sem que se esperasse, a porta quase esmagou o dedo do nenê.



Quando o casal, abertamente reage com emoção, está no que se chama comumente, situação de conflito.

Por exemplo, um amigo diz que quando a mulher realmente quer algo nunca o diz com calma. É sempre revelando estado emocional. Isso significa que ela já pensou sobre o assunto antes, esperando porém alguma reação negativa, já planejou seus argumentos e construiu o seu caso num tom emocional, antes de ouvi-lo. Assim há um período de construção de sua parte que leva ao desfêcho emocional, com uma reação um tanto negativa da parte dêle, porque tudo isso acontece repentinamente. É um caso de situação conflitante que ambos terão de enfrentar. O conflito real estando submerso talvez ela não sinta suficiente segurança em suas idéias, ou que seu marido esteja tão imerso no trabalho



Em seguida vem um período de pensamento, reavaliação e indecisão no qual cada um deseja saber o que fazer a seguir. É interessante observar um casal querendo remendar uma brecha - Andando de um lado para o outro, procurando uma abordagem para manobrar e continuar a falar. Cada um vai pelo seu próprio caminho, uma irresistível força, entretanto, parece empurrar um para o outro. Nós caçamos assuntos neutros, experimentamos gracejar ou qualquer coisa que possa aliviar o ambiente. Para alguns, uma brincadeira de pegador deve ser feita. Sòmente se pudermos tocar o nosso parceiro (acidentalmente ou de outro jeito) sem sentir hesitação, nos sentiremos novamente em terreno seguro.

Esta é a razão pela qual é tão fascinante olhar para trás e analisar nossas próprias situações conflitantes. Que é que vocês fizeram a última vez em que estiveram zangados um com o outro? Quanto tempo demorou para aparecer o silêncio mortal? Quanto tempo durou êle? Que fizeram vocês enquanto desajeitadamente procuravam-se mutuamente?

É lastimável que não possamos nos ver objetivamente mais vèzes. A vida seria, provavelmente, mais alegre e interessante. A duração do silêncio mortal depende em grande parte da rapidez com que nós aprendemos a lidar com sentimentos maus, da nossa habilidade de transitar pela "terra de ninguém", do silêncio e a restabelecer comunicação.

Uma vez a comunicação restabelecida, todos são felizes. Nós nos juntamos e prometemos um ao outro as coisas possíveis, e nos sentimos tão bons porque a restabelecemos. Onde estamos nós, porém? Muito mais para trás do que estávamos ao estalar o conflito. O conflito básico não foi resolvido. Talvez tenhamos aprendido a usar certas técnicas para lidar com uma situação conflitante, o conflito, porém, não resolvemos. Estamos apenas preparados para iniciar a sua resolução. Para conseguir esta finalidade é necessário outra conversação, de natureza honesta, humilde e generosa, para conseguí-lo. O apaziguamento vence a raiva, não porém, o conflito. As conseqüências do conflito, igualmente, levantarão novamente suas cabeças, dentro de um certo período de tempo, na medida em que o processo construtivo comece uma vez mais. Os aborrecimentos aparecem uma vez ou outra na vida de um casal sendo possível que se reproduzam com o desenrolar dos acontecimentos.

(continua na pág. 24)

que não sinta a necessidade dela ou a necessidade de ambos.

Durante essa inteiração referente ao deflagrar do conflito, se agirmos de acòrdo com o que sentimos, chegaremos à luta, ferimentos ou à defesa — em lugar de compreensão e apreciação. Geralmente êste período é seguido de um fascinante período, o silêncio mortal!

Para os casais que discutem, chega o momento em que todos os argumentos favoritos já foram usados e nenhuma das partes ganhou a questão, então, cada um se retira para tratar das feridas e readquirir forças para uma nova tentativa. Alguns casais mantêm-se num silêncio mortal durante algum tempo, sem ter discutido muito. Os motivos originais podem ter expulsado os sentimentos emocionais que êles sòmente sabem manejar retraindo-se em si mesmos.



Meu Cantinho

A CINDERELA EGÍPCIA

Floyd J. Torbert

Era um dia bastante quente no Egito.

“Vamos nadar nas águas tranqüilas do Nilo?” Rodope disse à sua companheira.

Rodope era uma escrava alta e de faces rosadas, que fôra trazida para as terras dos faraós pelo seu amo. Sua amiga também era uma escrava, mas tinha vivido ali tôda a sua vida.

“O Nilo nunca está tranqüilo,” disse ela, “Eu a espero na margem do rio enquanto você se banha.”

Rodope estava na água só por algum tempo quando uma coisa estranha aconteceu. Do límpido céu, uma águia repentinamente desceu perto dela e voou com uma de suas sandálias, que estava colocada à margem do rio.

“Oh,” clamou Rodope, “minha linda sandália!”

“Estranho, estranho mesmo!” disse a outra escrava, “Bem, você jamais verá a sua sandália de nôvo.”

Rodope observou o pássaro que rapidamente desaparecia no céu azul. Ela ficou bastante triste porque seu lindo par de sandálias era uma das poucas coisas que jamais possuía.

Enquanto criança, na Grécia antiga, estava sempre descalça e maltrapilha, mas pelo menos podia fazer de conta que possuía coisas boas.

Recordava-se como fazia de conta que era raínha com roupas finas e muitas jóias preciosas e embora vivesse numa casa feita de barro com o chão todo sujo, era capaz de pensar que era um grande palácio de pedra. Às vêzes, fazia de conta que o seu jantar de pão de milho era uma festa rara.

“Sinto não poder participar dêste jôgo com você, Rodope. Minha fome obscurece minha imaginação,” dizia seu pai.

Sua família sempre fôra paupérrima, mas agora era pior, por causa da fome que havia na terra. Rodope não

se lembrava da mãe que tinha falecido quando era ainda criança. Agora seu pai estava preocupado com ela, pois que estavam passando um tempo difícilimo e havia pouco que comer.

Então, um dia, seu pai chamou-a no campo: “Venha cá, filha. Tente entender o que eu devo fazer.”

Ele não disse nada mais que isso, porém Rodope confiava em seu pai e procurava obedecer todos os seus mandos. Ela não pensou mais nisso.

Muitos dias se passaram e seu pai não lhe falava muito e não olhava para ela. Ela sabia que algo estava errado e perguntou se ele estava doente. Ele saiu e não respondeu.

Mais tarde ele retornou à cabana com algo embaixo do braço. Era um manto vermelho com franjas de prata. Ele tinha trocado a sua última medida de grão por êste manto.

“Que lindo, papai! É para mim?” Rodope não podia acreditar no que seus olhos viam.

Ele colocou-o sôbre seus ombros. Ela sentiu a maciez do material e pulou de alegria. Então seu pai saiu e colheu algumas flôres selvagens. E delicadamente colocou-as como uma corôa no cabelo de sua filha.

“Venha, minha querida Rodope. Agora iremos ao mercado.”

Rodope não perguntou a seu pai por que a estava levando, mas seu coração saltava de excitação pela antecipação de ver a grande multidão e ouvir o barulho da cidade.

Era exatamente como ela esperava que fôsse. Os mercadores estavam vendendo suas bugigangas e havia muita gritaria e discussão. Seu pai segurava-lhe a mão firmemente e a puxava rãpidamente pela rua cheia de gente.

“Onde estamos indo, papai?” afinal perguntou. “Vamos nos livrar da fome.” disse êle.

Logo êles chegaram ao mercado, onde os escravos eram vendidos. Muitos dos mercadores olharam para Rodope.

“Como ela é esbelta!” ela ouviu um homem dizer.

Outro perguntou sua idade, e ouviu seu pai dizer que tinha 12 anos.

Rodope olhou para seu pai enquanto êle conversava com o homem. Ela sabia que êle estava sofrendo de fome e tristeza, e que êle a estava vendendo para salvar-lhe a vida.

Finalmente, ela viu o velho dar algumas moedas de prata e um filão de pão a seu pai. Antes dela perceber, seu pai desaparecera no meio da multidão.

Rodope foi levada para longe pelo velho e rico mercador a uma casa tão grande como ela jamais tinha visto.

O nome de seu amo era Xantus e possuía muitos escravos. Um dos escravos era um homem bondoso chamado Êsopo. A garotinha adorava ouvir suas histórias.

Muitos meses se passaram e ela e Êsopo tornaram-se grandes amigos. Rodope estava certa que êle era o homem mais sábio em tôda a terra. Na verdade, Êsopo compreendeu que Rodope não era uma garôta comum, e em pouco tempo ensinou-lhe muitas coisas.

“Você é uma boa estudante, Rodope,” êle lhe dizia, “Logo saberá mais que Êsopo.”

Os anos se passaram, e embora Rodope sempre desejasse retornar a seu pai, ela receava ser sempre uma escrava.

Finalmente, foi vendida para outro amo e foi levada para Naucratis, no distante Egito.

Rodope cresceu e tornou-se uma linda jovem, e era escrava premiada. Sendo a favorita de seu nôvo amo, ela obteve muitos privilégios que não eram dados às outras escravas.

(continuação da pág. 23)

Quando um estudante começa a fazer desordem na sala de aula o professor deverá, imediatamente, procurar determinar quais são os seus interesses, procurar visitá-lo e deixar que êle fale dêle mesmo, do que êle gosta e do que êle não gosta. Há muitos meios pelos quais um professor pode mostrar seu verdadeiro interesse, preocupação e amor pelo estudante, e o professor que deseja ser bem sucedido não deve desanimar antes de ter experimentado todos os meios.

Resumindo, aqui estão os passos progressivos para resolver os problemas da disciplina:

1. Armamentos de braço curto: O professor pára e olha o estudante que está promovendo a desordem.
2. A Browning automática: O professor vai em direção ao estudante ou chama-o pelo nome, ou faz as duas coisas.
3. A arma secreta: O professor ameaça ir à casa dos pais.
4. O canhão: O professor tira o estudante da classe. Aconselha-o e explica a situação. Informa-o que o seu mau comportamento não mais será tolerado.
5. A bomba: Remoção da classe até que o arrependimento venha.

O Senhor deu à sua Igreja padrão para tôda a disciplina, especialmente a relacionada ao tratamento de seus

Contudo, continuava na esperança de ser livre um dia.

“Rodope! Rodope! Venha, é hora de voltarmos para nossos quartos. Já é tarde; o sol está se pondo.”

Rodope pegou a sandália e seguiu a companheira. Ela não estava mais zangada com a águia que lhe havia roubado a outra sandália.

Porém, a travêssa águia tinha voado para bem longe do rio. O pássaro, finalmente, voou sôbre um grandioso prédio branco. Era o palácio do faraó, que estava em seu belo jardim, debaixo de uma enorme palmeira. A águia voou por baixo da árvore, e ao mesmo tempo, soltou a sandália. Ela caiu no colo do rei, que ficou assutado.

“Obrigado, meu amigo de penas,” êle riu ao gritar depois que a águia pousara numa outra palmeira ali por perto, “mas para que serve uma sandália só?”

“É tão pequena e tão delicada,” êle pensou, “nunca vi uma sandália de tão grande beleza.”

Chamou um dos guardas do palácio: “Procure a dona desta sandália e traga-a aqui. Vá depressa!”

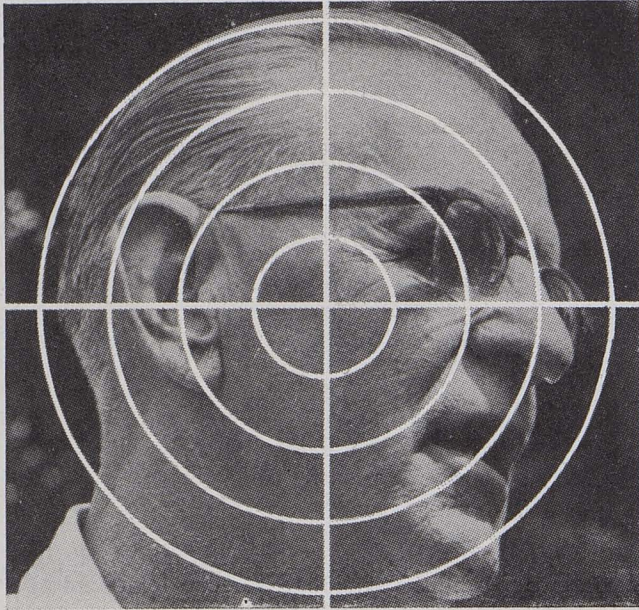
Muitas semanas passaram antes que descobrissem quem tinha perdido a sandália. Rodope foi trazida perante o rei. Quando êle viu a formosa e atraente jovem, ficou profundamente apaixonado. E quando descobriu que esta escrava possuía atração e inteligência tanto quanto beleza, pediu-lhe para ser sua raínha.

Assim a garôta que tinha conhecido a fome e miséria, agora reinava sôbre a próspera terra do Egito.

Morava num lindo palácio, com altos pilares ornados com vivas decorações. O chão era de pedra reluzente. As paredes eram cobertas de finas guarnições, e havia riquíssimos tapêtes espalhados pelo palácio para ela andar ou deitar-se em cima. Havia bandejas cheias de frutas raras para comer, e cada refeição era realmente uma festa. Era como um sonho, um sonho que ela uma vez teve enquanto criança vestida em trapos.

filhos nas salas de aula. Ele disse: “Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdote, a não ser que seja por persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido; Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliará a alma sem hipocrisia, e sem dolo — Reprovando às vêzes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquêle que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo; Para que êle saiba que a tua fidelidade é mais forte do que os laços da morte.” (D&C 121:41-44.) Muito seguidamente encontramos muitos que não vêem dificuldade em “reprovar sempre com energia,” mas que falham no fiel cumprimento dêste mandamento, “Quando movido pelo Espírito Santo; e então mostrando adiante, mais tarde, um aumento de amor por êle a quem tens reprovado, deixe que êle o tenha como inimigo.”

Há outros que acham que não há elemento de violência no amor genuíno, assim êles pensam que se compreenderem e aceitarem cada estudante individualmente, todo o mau comportamento desaparecerá. Uma análise mais séria do mandamento do Senhor, porém, nos ajuda a compreender que nenhuma dessas idéias isoladamente, está completamente em harmonia com os planos do Senhor. Amor genuíno sob a direção do Espírito Santo, deve ser o nosso guia principal. Se nós o adotarmos produziremos resultados positivos quando chegar o tempo de aperfeiçoar a nossa disciplina.



Nenhum de nós, no espaço de uma vida, pode dominar todo o conhecimento. Podemos ser, porém, muito mais diligentes do que somos, procurando aumentar o nosso excessivamente magro cabedal de informações.

Alguns de nós nos especializamos em certos campos, outros se especializam em campos diferentes. Devemos, porém, tomar conhecimento dos pensamentos significativos e do resultado do trabalho de pesquisas, feitas por autoridades, e por pessoas competentes, em campos diferentes dos nossos.

É nosso direito — e nosso dever — aceitar ou rejeitar as suas evidências e conclusões, ou suspender o juízo.

É nesse espírito de busca de maior sabedoria e compreensão, que apresentamos este artigo.

J. B. Trunnell, M. D.

OS PODÊRES DA MENTE HUMANA

A mente humana é produzida e reconhecida (apercebida) mediante estruturas altamente especializadas. É um produto da matéria, de duas qualidades, pelo menos, organizada e posta em movimento pelo poder do Senhor.

Cada pensamento, traço de personalidade ou de caráter, emoção, motivação, memória ou recordação, cada ato de criatividade intelectual, deve sua existência, armazenado ou focalizado pela luz da consciência dessas estruturas especializadas. As estruturas são: (1) o cérebro espiritual, (2) o cérebro mortal e suas fibras de entrada e de saída, (3) as influências externas relativas à combinação de (1) e (2) exercidas pelas forças divinas ou pelas forças de Satanás, respectivamente, e (4) o nosso ambiente, formado por outras mentes humanas e pelo universo físico, especialmente pela terra. Sucintamente, a mente é a “secreção” do cérebro, do mesmo modo que a insulina é a secreção das células do pâncreas. Ambos, o cérebro e o pâncreas, são compostos de células vivas, especializadas. O produto de cada tipo de célula é, necessariamente determinado pelas propriedades estruturais peculiares da célula e pelo seu desempenho, igualmente singular nos tecidos, dos quais é um componente.

Tal concepção da mente humana é estranha a todos, salvo a uns poucos contemporâneos. Para muitos, mesmo aqueles instruídos nos assuntos relacionados ao comportamento, isso é inimaginável, como o eram os pontos de vista de Copérnico, Galileu, Colombo, e outros, que não podiam ajustar-se aos fatos daquela época, no ponto de vista errôneo prevalecente entre os seus contemporâneos.

Dito ainda de outro modo, talvez mais óbvio, não há mente humana onde não haja gerador de mente ou cérebro. A psicologia nunca achou que o estudo do comportamento nos mortos fôsse uma empresa proveitosa. Por outro lado, falhas no cérebro (defeitos genéticos, defeitos congênitos, defeitos produzidos por doenças ou lesões) têm sido de inestimável valor para estabelecer

grande número de correlações entre estrutura e função que podemos agora mostrar.

O Espírito Encerrado numa Casa Mortal

O Presidente Joseph F. Smith escreveu, “O espírito é manietado e encerrado na prisão da mortalidade.”(1) O espírito deve levar uma vida enclausurada e frustrada enquanto estiver encerrado em sua morada terrestre. O corpo cega o sistema de memória do espírito (o véu do esquecimento) e é desobediente. Ele não tem o senso de disciplina que foi a chave que qualificou o espírito para “formatura” na pre-existência para a corrida de obstáculos da vida mortal. A vida mortal gera apetites, alguns dos quais são peculiares à matéria grosseira deste mundo.

O espírito teme e abomina a indulgência do corpo em satisfazer alguns desses apetites, e sem dúvida, exerce a sua influência no máximo que é permitido a um espírito encerrado e manietado, com o fim de que, tais apetites não sejam indevidamente satisfeitos. Na medida que a alma ouve as admoestações do seu componente espiritual, a alma é ampliada. O passo de progresso, no sentido da perfeição eterna, é acelerado. Se, por outro lado, os apetites do corpo são vitoriosos, o progresso na direção da perfeição eterna é freado, paralizado, e até revertido. É nesse sentido que o “homem natural é inimigo de Deus” (e um inimigo do espírito que vive no corpo natural ou mortal.)

Nessa competição entre o espírito e o corpo, o resultado muitas vezes, se não sempre, depende da escolha dos aliados que o corpo faz, em seguida, do grau de cooperação oferecido pelo corpo ao aliado escolhido. Como mencionamos anteriormente, a escolha dos aliados situa-se entre os dois extremos, de Deus e Satanás. Escolher o meio termo, ou escolher Satanás, é em última análise, uma escolha fatal (tanto para o espírito como para o

corpo). No jargão parafraseado usado pelos contendores políticos, há então, somente a ala direita (empregada aqui como "própria" ou "correta") e a ala esquerda. Não há meio termo.

A ala direita não é de grandes dimensões, como está traçada. A ala esquerda começa imediatamente adjacente ao limite da ala direita e pode ser traçada para indicar as gradações até o limite do erro total ou "ruindade". É interessante e perturbador observar um curioso fenômeno da atualidade no qual alguns homens dão testemunho da realidade da Pessoa e da influência de Cristo, e ao mesmo tempo zombam da possibilidade de Satanás ou seus lacaios poderem influenciar o comportamento do homem, seja do lado de fora ou do lado de dentro do corpo mortal.

Cérebro Espiritual e Cérebro Mortal

Desde que não podemos nos lembrar do que aprendemos acerca da estrutura da matéria do espírito, pouco mais podemos fazer do que conjecturar acerca da estrutura das superfícies de contato ou pontos de encontro entre os componentes do cérebro espiritual e os componentes do cérebro mortal. Do mesmo modo, nada sabemos sobre a estrutura ou localização no cérebro, de um órgão sensorial reservado para uso do Espírito Santo. É concebível que todos os homens e mulheres possuam essa estrutura, ela porém é raras vezes ativada, a menos que a pessoa seja batizada, confirmada e receba o dom do Espírito Santo. Temos, então, uma linha particular para receber informações e segurança do Espírito Santo. Não nos devemos admirar que, aqueles que nunca se utilizaram dêsse meio de adquirir conhecimento, não possam acreditar na sua existência.

É desnecessário lembrar os detalhes da estrutura do cérebro espiritual de modo a poder observar a magnificência mesma dos pequenos fundos de conhecimento que temos agora referentes ao cérebro mortal. De qualquer maneira, é dêste último, principalmente, que tratamos na mortalidade.

Não fôsse pela relativa opacidade dos ossos do crânio, do couro cabeludo e do cabelo, a humanidade, há muito tempo, teria compreendido a absoluta dependência das características mentais, da anatomia e a fisiologia do cérebro. Contudo, uma vez que o Senhor não achou bom nos dotar com crânios transparentes, e sem cabelos, foi somente em data recente que as correlações do comportamento e da organização subcelular do cérebro puderam ser confirmadas.

Já foi obtido um espantoso acervo de conhecimentos mas, ainda assim, em comparação com o que nos resta conhecer, é uma insignificante gota d'água no oceano. Examinemos agora alguns dêsses conhecimentos, embora alguns dêles sejam superficiais. Vemos, então, como cada parcela de informação nova aumenta a nossa admiração pela perfeição da obra do Senhor.

A Construção do Cérebro Humano

O cérebro de um ser humano adulto, masculino, pesa cerca de 1.600 g. O de um ser humano feminino pesa algumas gramas menos. Embora tôdas as coisas estejam numeradas pelo Senhor, nenhum mortal conseguiu contar ainda o número de células que compõem um cérebro. A maior parte das estimativas feitas recentemente, entretanto, combinam entre si, e as avaliam em alguns bilhões. Quinze bilhões é um bom número e é o número que perma-

nece, confortavelmente, entre outras estimativas. Ao contrário da maior parte das células do corpo, as quais são, sem exceção, menos altamente especializadas do que as células do cérebro, as últimas têm um sistema telefônico inter-celular que jamais será igualado. Muitas das células individuais recebem dezenas de milhares de fibras transportadoras de mensagens, vindas de outras células.

Uma célula cerebral típica, de tamanho médio, é constituída de aproximadamente um quatrilhão de moléculas individuais. Essas são, por sua vez, constituídas em média, por centenas de átomos, os quais, por sua vez, são constituídos desde algumas dezenas até várias centenas de partículas sub-atômicas. Do ponto de vista dos biólogos, e com a permissão dos químicos e dos físicos, poderão, com muita propriedade, ser classificadas como estruturas atômicas.

Não há base lógica em se afirmar que, ao descer da escala dos órgãos até a dos elétrons, acima de um dado tamanho, estamos tratando com anatomia (no seu funcionamento) mas que, abaixo disso, não o estamos.

Pelo contrário, se a matéria do espírito é composta de "átomos" infinitamente menores do que os átomos da matéria grosseira, seria justo estender a nossa escala de tamanhos de partículas anatômicas descendentes até "espiritrons", e mesmo a quaisquer partículas que os formem.

O número de moléculas por célula cerebral, grosso modo, um quatrilhão, é um dos poucos números que conseguiu ultrapassar a dívida nacional. Ele é, de fato, muito grande. É um pouco maior que o total de tôdas as coisas fabricadas na cidade de New York, (contando cada floco de milho, cada maçaneta de porta, cordão de sapato e os impostos ou seus equivalentes, separadamente). É um número ligeiramente inferior ao total de respirações anuais dos três e meio bilhões de habitantes da terra. É um número que, mesmo que as moléculas fossem embaralhadas e amontoadas, deveria fazer qualquer um parar para contemplar a matéria, sentindo que há suficientes partes disponíveis para fazer "algo" bastante impressionante.

A célula notavelmente impressionante que essas partes formam, pouco tem de embaralhado ou desordenado. Se houver alguma desordem é proposital, e serve a algum fim útil.

A tendência em nossos dias é nos maravilhar dos habilidosos conjuntos de instrumentos miniaturizados instalados nos satélites artificiais. Êsses satélites, em comparação, são meros brinquedos de lata.

De Que Modo Aprendemos?

Aprender pode ou não ser uma das mais fundamentais habilidades do cérebro, mas é finalmente uma habilidade sem a qual não podemos preencher os propósitos da vida mortal. O cérebro, incidentalmente, não tem o monopólio do saber. Donald E. Hebb(2), demonstrou recentemente que a célula do músculo, pode e toma algumas notas ou talvez, alternativamente receba cópias de notas tomadas inicialmente pelo cérebro.

Notas? Sim, embora seja óbvio que não são notas tomadas com penas sobre papel. Então, com que, sobre o que? Algumas das células do cérebro possuem um mecanismo para "escrever" sobre moléculas — ou para melhor dizer . . . sobre a molécula. E o que é mais, o cérebro arquiva cada nota inscrita na molécula, de tal

maneira, que o fato ali inscrito é referenciado sob numerosos títulos gerais: o incidente geral do qual o fato e o seu aprendizado foram parte, incidentes similares, fatos similares, as emoções associadas geradas devido a incidentes ou devido a incidentes similares, fatos dissimilares mas de algum modo correlacionados, etc.

Durante anos o Dr. Wilder Penfield(3), canadense, compilou dados obtidos numa série de fascinantes estudos. Afortunadamente o próprio cérebro, está excessivamente apinhado com equipamento especializado para alojar as fibras da dor, daí não ser doloroso pesquisar os arquivos de fatos aprendidos do cérebro. A pele, o crânio, as meninges, todos podem ser tratados com analgésico local, e o cérebro pode, então ser exposto sem dor enquanto o paciente permanece em plena consciência e capaz de conversar. (É desnecessário dizer que os pacientes de tais operações são aqueles que precisam ser operados no crânio para a cura de suas moléstias.) Os cirurgiões operadores afastaram-se durante algum tempo a fim de permitir ao Dr. Penfield prosseguir em suas investigações. Tanto quanto se sabe, o Dr. Penfield nada oferece aos pacientes por seus pensamentos, mas procede imediatamente à inserção de um fino eletrodo esmalatado até quase à extremidade (o esmalte provê uma fina mas eficiente camada de isolamento). O eletrodo não danifica porque tende a deslizar entre as células do tecido cerebral e suas fibras, empurrando-as suavemente para o lado.

No comêço, essas experiências se assemelhavam às brincadeiras de pesca das festas de aniversário. O Dr. Penfield não sabia o que esperar quando fazia com que o cérebro lêsse alto para êle a partir das suas anotações. Se os pacientes soubessem que êle poderia tropeçar num conjunto de notas sobre algo que poderia causar embaraço, é duvidoso que muitos tivessem consentido no experimento.

Com um eletrodo fixado num outro lugar do corpo, um botão era apertado e uma pequena corrente fluía na vizinhança da ponta do eletrodo. As correntes elétricas são os acionadores das células do cérebro e geralmente fazem com que qualquer que seja a célula assim estimulada percorra o seu repertório de funções especializadas: e.g., pode-se se fazer com que uma pessoa sinta amor, ódio, culpa, raiva, serenidade, felicidade, tristeza, fome, calor, frio, medo e assim por diante, através de toda a gama de traços do comportamento humano, admitindo, claro, que os conjuntos de células necessárias à produção destes sentimentos estejam presentes e aptos a funcionar. Algumas vezes nascem pessoas sem um dedo ou sem dedos algumas vezes sem o conjunto de células cerebrais que geram o traço da fé ou o traço da consciência. Em tal pessoa, o traço em si estará ausente — o que é uma possível explicação para a inconsciência individual conhecida como psicopatia ou sociopatia.

Se a corrente fluir próxima a uma dada estante na biblioteca de moléculas inscritas do cérebro, o dono dêsse cérebro começará a recitar o que a corrente o fêz lembrar.

O Cérebro é um Perfeito Arquivo

Penfield descobriu que, o que quer que possam ser os nossos equipamentos de registro cerebral, são êles de alta fidelidade. Seus pacientes podiam responder questões sobre eventos que há muito tinham esquecido. A riqueza de detalhes jamais cessou de assombrar tanto o paciente quanto o observador. Usualmente, os pacientes diziam

mais cedo ou mais tarde: “Isto não é exatamente igual à recordação comum. Parece mais como reviver a experiência.” Penfield logo inclinou-se a achar que a maioria das pessoas tem uma memória mais fotográfica do que supõem. O raro indivíduo que, no passado, pareceu ter uma memória fotográfica, evidentemente não gravava melhor que qualquer outra pessoa. Podia entretanto, mais facilmente fazer com que as informações fossem teletipadas numa das “salas de leitura” da área consciente do cérebro.

Informações do tipo destas às quais Penfield chamou a nossa atenção deveriam confortar os santos que creem ser vantajoso ganhar conhecimento nesta vida para que possa ressurgir com êles no mundo vindouro. (Veja DRC 130:18) A despeito desta crença, muitos têm mostrado preocupação com a sua inabilidade de “recordar” e têm consequentemente tido dúvidas de que seus conhecimentos estejam “seguramente armazenados”. Tais pessoas não precisam ter preocupações se forem diligentes em aprender (Veja DRC 130:19) se derem ouvidos à recomendação do Senhor quanto ao modo de obter um aprendizado rápido e completo (Veja DRC 93:28) e se evitarem a “influência de Satanás e a tradição dos pais.” (Veja DRC 93:39 1:33) Em resumo, aqueles que obedecem ao Senhor em tôdas as coisas descobrem que o aprendizado é facilitado, e que eventualmente saberão tôdas as coisas.

Mecanismo Cerebral de Rasuramento

A luz e a verdade serão tomadas daqueles que desobedecem aos mandamentos do Senhor. Daí, nossos gravadores de alta-fidelidade, que podem escrever sobre moléculas, não usarem tinta indelével, há um mecanismo de rasuramento que é ativado pela nossa desobediência. Quaisquer que sejam os preciosos fatos atingidos por êle na gravação, não ressurgirão conosco na vida vindoura.

Embora na maioria das situações possamos desejar que o rasuramento não seja possível, requer apenas um momento de reflexão para compreender que nos perderíamos sem a habilidade de destruir certas gravações desnecessárias. Todos nós falhamos em algum grau em obedecer ao Senhor em tôdas as coisas, em tôdas as ocasiões. Sempre que isso acontece, se temos consciência, ficamos sentidos e nos enchemos de remorsos. O Senhor sabia que isso iria ocorrer, e devido à sua misericórdia, providenciou uma lei de arrependimento. (Veja DRC 1:32 49:26; Mosiah 2:38) Aquêles que preenchem todos os seus requisitos serão perdoados. (Veja Alma 13:13-16; 12:34; Moroni 6:8 e DRC 58:42).

Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, quando vierem os tempos de refrigério (das nossas memórias?) da presença do Senhor. (Atos 3:19. Tradução direta da Versão do Rei Tiago)

Se seremos julgados diretamente a partir de uma reprodução das nossas próprias gravações moleculares de memória ou de uma duplicata guardada na memória do Senhor, a linguagem da escritura anterior e da que se segue sugerem uma forma de rasuramento.

... diz o Senhor: porque lhes perdoarei sua iniquidade e nunca mais me lembrarei dos seus pecados. (Jeremias 31-34)

McConnell (4) declarou que planárias educadas têm armazenado moléculas inscritas que puderam ser comidas por planárias não educadas que realmente as usaram e arquivaram como se elas mesmas tivessem escritos as

notas. Declarou ainda mais que uma enzima que destrói a molécula inscrita "apaga" a memória. Tais enzimas estão disponíveis no ser humano e poderiam talvez ser os mecanismos rasuradores que nós: (a) deveríamos evitar (perda de conhecimento útil), e (b) gostaríamos de, através do arrependimento, utilizar.

Outro Poder da Mente Humana

Creemos que através do poder do santo Sacerdócio de Melquisedeque, a unção e a bênção dos doentes é seguida, se fôr da vontade do Senhor, por um reparo das partes deficientes do corpo. O Pres. J. Reuben Clark, Jr. falando em uma reunião de professores de seminário da Igreja, em 21 de junho de 1954, teceu largas considerações em torno das funções do corpo, em especial, da maneira pela qual a inteligência, um componente tangível do espírito, faz tudo o que pode para subjugar as doenças do corpo.

Algo — talvez a inteligência, determina os materiais que são necessários para fazer os reparos nos ossos, tendões, nervos, ou tecidos, e então dá ordens tais como forem necessárias para ver que estes materiais sejam trazidos e entregues ao devido lugar, e então elaborados nos necessários materiais de reparo do ferimento.

E a seguir:

Quando um corpo mortal, por uma razão ou outra, foi imperfeitamente construído, quando não funciona normalmente, quando ocorrem doenças ou se torna necessário uma operação cirúrgica, pode ocorrer que o espírito não possa, por seus próprios conhecimentos, fazer os necessários reparos, ou suprir as partes defeituosas com o material requerido para fazer um órgão normal ou um músculo ou não sei o que mais. Viria a necessitar ajuda. Não poderia ser que sob estas circunstâncias recebesse auxílio de outros espíritos, invocados a execução da tarefa pelas orações do Sacerdócio?

O Presidente Clark abriu seu discurso como a declaração de que: "Não estou citando escrituras, embora pense não estar fora delas." A despeito desta rejeição, é notável que ele, não treinado como cientista, mas aben-

çoado com a capacidade de ser esclarecido pelo Espírito Santo, esboçou com detalhes uma explicação de um dos processos psicossomáticos que atualmente se sabe (mas que não na sua época) que funcionam.

Em alguns animais inferiores (e.g. a Salamandra) uma extremidade pode ser removida cirurgicamente, mas logo torna a crescer, inteiramente reconstituída de novos tecidos, uma perfeita réplica do original. O cérebro da salamandra, simples em contraste com o do homem, realmente sintetiza as substâncias necessárias e as entrega no novo lugar de construção, não pelas vias sanguíneas, mas pelo axônio tubular do nervo que termina no local da amputação. Foi mostrado como o cérebro deteta o fato de estar faltando uma extremidade (e.g. uma perna) e então por-se a utilizar seus poderes para efetuar os reparos. Embora a salamandra demonstre esta habilidade durante sua existência mortal, o homem somente o faz em grau limitado.

Na Ressurreição Descobriremos a Perfeição

Os santos dos últimos dias muito justamente creem na ressurreição, mesmo os corpos inteiramente destruídos serão reconstruídos e tornar-se-ão perfeitos novamente. Parece certo que o Senhor já aperfeiçoou o método que usará no homem, e que possivelmente o mecanismo exista mas esteja intencionalmente adormecido no homem. A sala de controle deste mecanismo está no cérebro. Maravilhamo-nos de quão grandes poderes ali residem, inativos, aguardando. Tendo sido criados à imagem de nosso Pai Celestial, podemos muito justamente esperar possuir os mesmos poderes que Ele possui. Requer somente fé e paciência para aguardar pelo tempo vindouro em nosso progresso eterno quando, uma um, estes poderes forem ativados e tenhamos a oportunidade, mediante a diligência e a prática, de desenvolvê-los.

O cérebro é a última e menos explorada fronteira do corpo. Ninguém sabe quantos órgãos especializados, ainda sem nome, restam ainda a serem descobertos e compreendidos nos termos das suas menores partes ana-

(continua na pág. 33)



HINOS DE ENSAIO

para abril

JÓIA SACRAMENTAL

Escola Dominical Sênior

João 20:15-17

Escola Dominical Júnior

Mateus 27:52-53

Recitação em Conjunto

(para o 1.º domingo de maio)

Curso 5:DRC 63:11-12

Curso 8: Atos 10:34-35

Escola Dominical Sênior

"Vem, Segue-me," n.º 49

Escola Dominical Júnior

"Agradecimentos," n.º 195

ALEXANDER SCHREINER

LENTO

The musical score is written for piano and bass clef in 4/4 time, marked LENTO and mf. It consists of two systems of music. The first system has four measures, and the second system has four measures. The music is in a minor key (one flat) and features a simple harmonic progression with some melodic movement in the right hand.



Edifique a sua vida para ser útil

Richard L. Evans
Do Conselho dos Doze

Presidente McKay, meus irmãos e irmãs — Agradecidamente fiquei sabendo do valor do povo através de todo mundo, e não vejo necessidade de nenhuma outra saudação — exceto meus irmãos e irmãs, pertencentes a todos os povos.

Voltando hoje a uma série separada de assuntos já relatados, vem-me à mente uma sentença que já citei muitas vezes, e em muitos lugares desde que a li, há alguns meses. O seu autor é Alberto Camus, que disse: “Consciente de que não posso separar-me do tempo em que vivo, decidi tornar-me uma parte d’ele.”

Os fatos da nossa época aí estão para serem observados. Eles são, ao mesmo tempo, encorajadores e desencorajantes. Incluem muito do melhor que o mundo jamais conheceu, e problemas tão complexos que são capazes de desencorajar todos os que têm a responsabilidade de os conhecer.

E, ainda que estejamos aqui na terra, com a divina dádiva da vida,

com a oportunidade de viver aqui e agora, e não em nenhuma outra época, mas nesta época, com êstes povos, com êstes problemas, com grande finalidade, grandes oportunidades e grandes responsabilidades.

E com todos os problemas, com tôdas as incertezas, com todo o afrouxamento dos alicerces da moral, tôda a racionalização dos princípios, tôdas as dúvidas expressas sôbre as finalidades da vida, eu gostaria de iniciar com uma simples declaração: Se vivermos o evangelho, se conservarmos os nossos padrões, se vivermos os mandamentos, se nos prepararmos, se nos conservarmos próximos do nosso Pai Celestial e da sua Igreja através da prece, poderemos viver no mundo, servir e ser bem sucedidos. E o Senhor Deus quer que tenhamos apenas sucesso. Esta é a razão pela qual êle nos mandou aqui; êste é o seu trabalho e a sua glória como o é o de qualquer pai em relação a seus filhos — que êles sejam felizes, úteis e puros, e obtenham sucesso.

E, eu gostaria de mencionar, particularmente, algumas coisas que são essenciais para o sucesso: Uma referência à preparação, e esta mais particularmente à mocidade. A mocidade torna-se desencorajada. Os moços vêm a distância entre onde êles estão e onde êles gostariam de estar. Êles vêm os longos anos de preparação, e algumas vezes desanimam com muita facilidade. É um fato que a mente do homem é infinita, e qualquer indivíduo que não se prepare sólidamente para um trabalho útil e significativo, é de curta visão, e imprevidente no mais alto grau.

Do boletim de bem estar de alguns anos atrás (Boletim 112, junho 1961), lembro-me dêste conselho, tão precioso e atual hoje como era antes, ou talvez ainda mais:

(1) Procure instruir-se e praticar para estar em condições de poder ocupar empregos que sejam bem remunerados.

(2) Viva dentro das suas rendas e acumule economias.

(3) Evite muitas dívidas.

Resumindo, isso quer dizer:

Prepare-se bem, economize um pouco, evite a escravidão das dívidas (e, também, tôdas as outras formas de escravidão, cuja variedade é infinita.)

Tal como disse no princípio: “Instrua-se suficientemente e adquira prática a fim de estar preparado para ocupar lugares bem pagos.” Em

nosso dias há mais possibilidades de instrução do que em nenhuma época antes, e aquêles que estiver decidido a adquiri-la encontrará um meio para isso. Pode ser difícil, pode levar algum tempo, há porém, meios e modos, e aquêles que desejam preparar-se e melhorar, podem preparar-se e melhorar.

As necessidades são grandes, as oportunidades ilimitadas, e a mente do homem é capaz de muito mais do que nós temos solicitado dela. Nós cremos que a glória de Deus é a inteligência. Nós acreditamos que é completamente impossível ser salvo em ignorância. Nós acreditamos que a instrução é uma obrigação.

Emerson disse: “O futuro pertence àqueles que se preparam para êle.” Nossas famílias, a Igreja, a comunidade, a nação e o reino de Deus são melhor servidos pelos indivíduos bem preparados. Preparação e conhecimento, aliados à fé, são infinitamente melhor do que sômente a fé. E, aquêles que estacionam por razões de somenos, aquêles que não continuam a aumentar seu conhecimento, estão, penso eu, deixando de cumprir, inteiramente, com o seu dever.

Eu os desafiaria, jovens de ambos os sexos, a vencer. Não vejo nenhuma virtude na mediocridade. O Senhor deu a terra ao homem e disse-lhe que a dominasse, e êle não poderá fazê-lo com um instrumento inferior. Gostaria de dizer a esta geração, velhos e moços: Em fé e em retidão, preparai-vos e melhorai-vos para vos capacitardes para o trabalho. E, eu não estou falando sômente de conhecimentos teóricos e acadêmicos. Adquira perícia, desenvolva talentos, e aumente competência nas atividades em que tiver maiores possibilidades. Melhore e sirva com a mente, as mãos e com o coração. As suas famílias ficarão melhores, o mundo ficará melhor, a sua pátria e o reino de Deus ficarão melhores, se você proceder assim. A nossa época não é uma época para gente despreparada. As ferramentas rombudas não são muito procuradas. Faríamos bem em nos afiar.

E agora, a respeito de economizar algo, a respeito de dívidas e das nossas obrigações com a Igreja: Tão fora de moda como possa parecer, há mais respeito próprio e segurança quando economizamos alguma coisa, quando temos um pouquinho de lado. Não é prudente, e nunca o foi, gastar tudo,

— De que forma a presença de Cristo em nosso lar nos prepara para viver com Ele quando vier reinar sobre a terra?

A família, durante as próximas 24 horas, agirá como se Cristo estivesse no lar. Para dar às crianças uma idéia do que isso significa, lembre recentes incidentes, nos quais tenham ficado nervosos sem motivo, ou tenham sido egoístas, maldosos, etc. Os pais também deverão ser incluídos. Você poderá mencionar certo incidente, sem dizer o nome da pessoa e depois pedir que ela própria diga qual a diferença se Jesus estivesse presente.

desenho feito por.

FAMÍLIA :

DATA :

PROGRAMA SUGERIDO

1.^a semana de abril

Hino: "A ressurreição de Jesus," n.º 29.

Oração:

Número Musical: Por toda a família.

Lição: **O SENHOR RESSUSCITADO CONTINUA A AJUDAR OS FILHOS DE DEUS**

Objetivo: Ajudar os familiares a terem relações mais próximas com o Salvador, o que resultará em melhores ações, devido à Sua influência.

Memorização: D&C 45:44.

Atividade: Uma volta pelo quarteirão, a pé.

Hino: "Já é vivo Deus o Filho," 30.

Oração:

Lanche: Pé de moleque.

1.D

1.A

— a pessoa que é irritável.

— a pessoa que é geralmente ativa e de repente torna-se quieta.

— a pessoa que se recusa a comer, dizendo não ter fome.

— a pessoa que não consegue dormir.

Não deverão comentar quando ajudarem os outros; a pessoa que recebeu ajuda deverá anotar, contando quantas vezes foi ajudada. Esta designação é para toda a família. Muitas vezes os pais precisam nutrir a semente da compaixão tanto quanto as crianças.

desenho feito por.

FAMÍLIA :

DATA :

PROGRAMA SUGERIDO

2.^a semana de abril

Hino: "Semeando," n.º 91.

Oração:

Poesia: Pelo filho mais jovem.

Lição: **JESUS NOS ENSINA A MOSTRAR COMPAIXÃO**

Objetivo: Inspirar cada um a mostrar bondade, da mesma forma que Jesus o fez.

Memorização: III Nefi, 17:6.

Atividade: Jogar dominó.

Hino: "Luz espalhai," n.º 117.

Oração:

Lanche: Maria-mole.

2.D

2.A

Por meio de perguntas e respostas, faça os familiares compreenderem que a ressurreição realmente significa que Jesus levantou do túmulo. A seguinte história poderá ilustrar:

Certo homem parou em frente a uma vitrine, para observar um quadro representando a crucificação de Jesus. Enquanto olhava, percebeu que um menino parou a seu lado. Este também olhou para o quadro e sua expressão indicou que estava profundamente comovido com a cena. Tocando no braço do menino, o homem perguntou, "Garoto, o que significa isto?" O menino, espantado, respondeu, "O senhor não sabe? Este é Jesus e os outros são soldados romanos. A mulher que está chorando ali perto é Sua mãe. Os soldados O mataram!" O homem demorou-se a deixar a vitrine. Depois afastou-se lentamente. Dera poucos passos, quando percebeu que o menino estava novamente a seu lado. "Escute moço," disse quase sem respiração, pois tivera de correr para alcançá-lo, "eu esqueci de falar — mas Ele ressuscitou!" (Para criar uma atmosfera espiritual, cantem o hino 138).

Peça a um dos filhos para aprender as respostas abaixo com antecedência, a fim de dirigir o questionário:

1. Quais as características físicas de Jesus depois da ressurreição?

— Seu corpo ressuscitado era real; tinha carne e ossos (Lucas 24:36-39).

— Podia comer, conforme havia feito antes da ressurreição (Lucas 24:41-43).

— Seu corpo ressuscitado tornou-Se imortal, o que significa que o teria para sempre. Seu espírito não o poderia deixar.

1.B

1.C

Relembre aos familiares que na semana passada tiveram de agir como se Jesus fôsse um hóspede especial. Deixe que falem, por um minuto ou dois, sobre o modo como se comportaram.

A família estudará hoje um dos atributos que Jesus manifestou durante toda Sua vida na terra, demonstrando grande amor e interesse por todas as pessoas.

Por alguns minutos, os familiares serão detetives. Para motivar maior interesse, faça distintivos de papel, para pregarem no peito. Diga-lhes que fornecerá uma pista para descobrirem qual o atributo de Jesus e ao mesmo tempo saberem do que trata a lição. Peça que leiam as seguintes escrituras, as quais contêm as pistas. Poderão fazer anotações, mas ninguém deverá ver o que o outro escreveu e nem trocar idéias. Terão duas pistas, que são: a) a palavra será repetida em todas as escrituras e b) indicará a maneira como alguém sentiu-se em relação a outra pessoa.

Eis as escrituras

— Mateus 18:23-34 (A parábola do credor incompassivo)

— Marcos 8:1-9 (A multiplicação dos pães)

— III Néfi 17:5-9 (Visita ao povo nefita)

Depois de haverem lido, verifique se todos marcaram a palavra "compaixão" ou um bom sinônimo dela. Talvez haja divergências, mas isso será útil para os membros compreenderem que a lição é sobre compaixão — o espírito de piedade, simpatia, irmandade, pena, bondade, etc.

Depois faça perguntas sobre as histórias, tais como: Como o rei sentiu-se em relação ao servo? O que Jesus disse, demonstrando que sentia compaixão pelo povo? O que fez para ajudá-lo?

2.B

— O Senhor ressuscitado podia mover-Se através do espaço; podia entrar num quarto quando as janelas e portas estivessem fechadas (João 20:19).

2. Quais os efeitos da ressurreição de Jesus sobre nós?

— Ressuscitaremos após haveremos morrido.

— Nossos corpos ressuscitados serão reais: de carne e ossos.

— Nossos corpos ressuscitados serão imortais — possuí-los-emos para sempre.

— Terão poderes que os corpos mortais não possuem.

Pergunte: Por que o evangelho deveria estar na terra atualmente? As seguintes escrituras o auxiliarão a explicar: Atos 1:9-11 (leiam juntos), D&C 34-6-7; 43:17-19, 29.

Peça aos familiares para imaginarem como vão sentir-se quando o Senhor vier pela segunda vez, se estiverem preparados (D&C 45:44). Será bom que neste ponto os adultos prestem testemunho de que Ele virá, como prometeu; e saibam, que em preparação para esse acontecimento, restaurou Sua Igreja através de Joseph Smith. Peça a um filho para ler D&C 50:45-46.

Faça as seguintes perguntas:

— Nossa família ouvirá a voz do Redentor ou seguirá o mundo?

— O que faremos a fim de nos prepararmos para Sua segunda vinda?

— Como podemos seguir Seus mandamentos, melhor do que temos feito até agora?

— Se soubéssemos que o Senhor está em nosso lar, no que isso modificaria nossas ações?

O que a palavra "compaixão", tantas vezes repetida nesta lição, significa? Deixe-os discutir. Depois leia a definição de um dicionário. Refira-se novamente às escrituras lidas, para ver se a ação das pessoas se enquadra com a definição da palavra.

Durante todos os dias de Sua vida terrena, Jesus mostrou compaixão pelas pessoas que tinham necessidade. Não importava qual fôsse essa necessidade, ajudava a todas porque as amava e sentia compaixão por elas.

A família deverá falar de suas observações; deverão mencionar os seguintes incidentes:

— Jesus pediu ao Pai para perdoar os que O crucificavam, porque realmente não sabiam o que faziam.

— Falou bondosamente com o ladrão.

— Não esqueceu o bem-estar de Sua mãe e instruiu João para tomar conta dela.

Mostre a semente de um vegetal, fruto ou flor. Depois, se possível, mostre o que foi produzido com aquela semente; explique que quanto mais tempo a semente permanece no pacote ou em nossas mãos, mais demorará para brotar. Da mesma forma que a semente necessita de cuidados, assim acontece com a compaixão. O Pai plantou a semente da compaixão dentro de nós, mas se não a cuidarmos, não crescerá. A forma de nutri-la é notar que outras pessoas estão em necessidade e procurarmos ajudá-las. Algumas vezes, essa necessidade não é percebida facilmente, outras vezes sim. O melhor lugar para começarmos a cultivar nossa semente é no lar e quanto mais depressa começamos, melhor será.

Durante a semana, os familiares serão detetives, procurando ajudar os membros de família que estão em dificuldades. Eis algumas pistas:

2.C

— Prepare refrescos, prendas e pequenos presentes.
— Se decidirem fazer visita, escolham algumas coisas sôbre o que será apropriado conversar.

— Procure fazer a família sentir-se entusiasmada com essa atividade — pois assim agindo, estarão auxiliando outras pessoas e mostrando o mesmo tipo de amor e compaixão que Jesus mostrou.

Como já mencionamos na lição anterior, esta atividade não precisará ser feita na noite familiar, mas no dia e horários que melhor se adaptarem ao tipo de programa que pretendem realizar. Executem-na com espírito de amor, pois a mesma ajudará a unir a família, trazendo o Espírito do Salvador ao seu lar.

desenho feito por:

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

3.^a semana de abril

Hino: "Faze o bem," 80.

Oração:

Canção Popular: Por tôda a família.

Lição: **COMO PLANEJAR UMA AVENTURA PIEDOSA**

Objetivo: Dar oportunidade aos familiares de mostram bondade por alguém.

Memorização: Mateus 11:28-29.

Atividade: Por em dias fôlhas de Genealogia.

Hino: "Fiz hoje algum bem?" n.º 72

Oração:

Lanche: Pizza com guaraná.

3 D

3. A

"Salta, gafanhoto!"

Os participantes dispõem-se em círculo, de frente para o centro, exceto um, que fica fora da roda. Ao sinal de início, o jogador isolado sai a pular num pé só em volta do círculo, para tocar, de repente, nas costas de outro. Ambos procuram então, contornar a roda num pé só, a fim de ocupar o lugar agora vago no círculo. Quem não o consegue vai ser o nôvo elemento isolado, no reinício da brincadeira.

O jogador que, durante a corrida poussa os dois pés no chão ou troca o pé de apôio perde o direito de se apossar do lugar vago. Ninguém pode desempenhar três vêzes seguidas o papel de perseguidor, devendo, ao cabo da terceira, escolher o seu substituto, dentre os companheiros da roda.

Variantes: perseguidor e perseguido correm num pé só, segurando o outro atrás, com uma das mãos; pegador e fugitivo saltitam o tempo todo da corrida.

desenho feito por

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

4.^a semana de abril

PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR

4. D

4. A

Nesta lição, a família planejará a prática de um ato de piedade. Conforme forem fazendo planos, pensem de que modo Jesus agiria. Se quiserem agir da mesma forma que Ele, deixem a compreensão e a imaginação entrarem em seus planos. Assim, a lição poderá transformar-se numa aventura para toda a família.

Encorage os membros a falarem livremente sobre a designação da semana passada; deverão referir-se à ajuda que receberam e de que forma esta os auxiliou.

Com o mesmo espírito da semana anterior, verificaremos hoje a necessidade de outras pessoas. Faremos planos para ajudá-las e executá-las-emos na próxima semana. Discuta:

— Jesus limitou Sua compaixão a algum grupo ou tipo de indivíduos?

— Se desejamos praticar um ato de bondade com o mesmo espírito que Jesus mostraria, de que forma devemos agir?

Certas pessoas sempre encontram ocasião de ajudar, enquanto que outras, apesar de mostrarem boa vontade, não conseguem achar tempo (geralmente encontramos tempo quando realmente o desejamos. Se nos interessamos o suficiente pelos problemas dos outros, acharemos tempo e ocasião de ajudá-los.)

Entretanto, não devemos nos esquecer de que os atos de bondade nunca deverão ser grandiosos ou dramáticos. Certa senhora que tinha diversos filhos pequenos, nunca achava tempo para visitar a vizinha, que era doente. Gostaria de ir quando conseguisse levar-lhe alguns alimentos e pudesse ficar por bastante tempo. Mas como não achou tempo, não fez a visita e a senhora doente não soube que alguém preocupava-se com ela.

3.B

Nesta semana a família terá oportunidade de fazer várias atividades. Para tanto, poderão executar um programa de sua escolha, ou então brincar os jogos aqui sugeridos. Após os mesmos, se quiserem poderão fazer um lanche, também da escolha da família.

“Apôsta de pulgas”

Dois partidos iguais (A e B) enfileiram-se de um lado e do outro numa linha riscada no meio do campo. Dentro de cada grupo, os jogadores são numerados, sorteando-se o partido que irá começar.

Ao sinal de início, o capitão do grupo sorteado (do partido A, por exemplo), encosta a ponta dos pés na linha central e dá um pulo à frente, procurando cair o mais longe possível. O capitão do partido B, auxiliado pelo juiz (já escolhido previamente) assinala com um risco a distância vencida, ou seja, o lugar mais próximo à linha central, onde o adversário tocou, ao cair, com qualquer parte do corpo. Geralmente a marca é feita no lugar dos calcanhares, mas se o participante cai para trás e apóia as mãos no chão, por exemplo, o risco é dado nesse ponto.

O capitão do partido B coloca-se, agora, atrás deste último risco, encosta nele as pontas dos pés e pula para a frente (em direção ao grupo adversário). Ao capitão oposto compete assinalar com um novo risco o resultado desse pulo. Cabe, a seguir, ao segundo jogador do grupo A postar-se atrás do último risco e saltar para a frente, em direção ao partido contrário, fazendo-se nova marca,

3.B

Discuta: Se essa senhora soubesse que os atos de bondade não devem ser dramáticos, como teria agido? (telefonaria, mandaria um ramo de flores do seu jardim, etc., e assim já teria ajudado a vizinha. Muitas vezes os pequenos atos significam mais do que palavras e gestos grandiosos e devem ser executados com espírito e amor.)

Sugestões para sua atividade:

1. As pessoas fisicamente incapazes geralmente sentem-se felizes quando alguém oferece-se para ajudá-las a limpar a casa ou consertar alguma coisa. Se decidirem fazer esse tipo de atividade na próxima semana, avisem a pessoa com antecedência e providenciem os materiais ou ferramentas necessários.

2. Visita a uma pessoa doente. Não esqueçam de informarem-se antes sobre o horário de visitas, se a pessoa estiver hospitalizada, ou mesmo em casa, procurem chegar a uma hora bastante oportuna, para não atrapalharem seu repouso.

3. As pessoas que vivem sôzinhas ou mesmo os casais de idade alegrem-se quando alguém os visita. Se quiserem, poderão convidá-los para sua casa, onde farão algumas brincadeiras em que todos tomem parte.

4. Existem, também, as pessoas que se sentem descorajadas e precisam de companhia e incentivo. Visitem-nas ou convidem-nas para sua casa.

Depois de expostas as várias sugestões, escolha aquela que a família preferir. Essa atividade, apesar de fazer parte do programa Noite Familiar, não precisará ser feita no dia estabelecido, mas quando acharem mais conveniente. Para que tudo saia perfeito, eis alguns lembretes:

— Verifique se precisará convidar as pessoas com antecedência.

3.C

atrás da qual se coloca o segundo jogador do partido B e assim sucessivamente. A brincadeira continua desta forma, partindo cada jogador do último ponto atingido pelo adversário anterior e avançando no sentido oposto ao dele. Os pulos são dados com os pés juntos e *sem corrida prévia*, embora cada competidor possa flexionar os joelhos e balançar os braços, a fim de tomar impulso.

Vence o jogo o partido que apresenta maior avanço, depois de todos terem tido a sua vez. Assim, se o último jogador a pular (do partido B, portanto,) cair além da linha inicial de partida, é sinal de que o seu partido venceu. Em caso contrário, a vitória pertencerá ao lado contrário.

Para evitar-se dúvidas, vão-se apagando os riscos, à medida que não forem mais necessários.

“Arroz e feijão”

Um pires com grãos de arroz e de feijão para cada participante. Todos recebem igual quantidade de grãos, sendo muito maior o número dos de arroz. Cada qual deverá sentar-se, colocando o pires em uma mesa.

Ao sinal de início, os jogadores põem-se a fazer, com os grãos que receberam, o contorno de uma série de figuras (animais, casas, barcos, caretas, etc.), vencendo a brincadeira quem consegue executar três, cinco ou sete “quadros,” enfim, o número combinado de figuras. *Variantes:* O jogo é feito com palitos de fósforos ou botões (de cores e tamanhos variados; a brincadeira faz-se em duplas, vencendo a que primeiro utilizar todos os grãos.

3.C

viver além de razoáveis possibilidades de pagamento ou hipotecar o futuro, salvo por necessidades urgentes. Um pouco de economia e um pouco de reserva trazem respeito próprio e segurança. E, pagar compromissos é, naturalmente, questão de simples honestidade.

Devo dizer também, que precisamos nos sentir à vontade diante de nosso Pai Celestial a respeito do pagamento do dízimo e das ofertas. Talvez não possa prová-lo matematicamente, posso, porém, provar pelas minhas próprias observações e experiência que, o pagamento integral do dízimo e o cumprimento das obrigações para com a Igreja e para com Deus trazem bênçãos, paz e segurança — tanto do ponto de vista espiritual como do ponto de vista material que, de outra maneira não poderemos ter.

E, preciso dizer ainda, que, nem por isso os mandamentos deverão ser relegados — como amar o nosso Pai Celestial, tomar o seu nome em vão, ou amar o seu próximo; nem aqueles que dizem para guardar o sábado, nem os referentes aos pais e aos filhos e de se amarem uns aos outros, nem no que se referem a não roubar, não cobiçar ou prestar falsos testemunhos; nem aos que se referem à moralidade, ao adultério e à pureza pessoal.

“... deixe a virtude ornar sempre os teus pensamentos.” O Senhor nos disse: “então a tua confiança cresce forte na presença de Deus. . .” (D&C 121:45.) Como seria acabrunhado sentir-se envergonhado na sua presença. Quão maravilhoso é sentir confiança na presença do nosso pai Celestial, ou em nossa própria presença, ou na presença dos nossos entes queridos e de estranhos, viver dentro de um senso de retidão e honestidade, e viver sem sentir vergonha.

Apesar de todo cinismo, e da chamada sofisticação, os mandamentos ainda são uma força. Há causas e conseqüências em tôdas as coisas, e há somente uma maneira aceitável de se viver: com fé e fidelidade, guardando os mandamentos, vivendo os padrões, trabalhando com determinação e honestamente, sendo leal, não defraudando, não mentindo, não usando medida curta — mas preparando-se, aprendendo, melhorando, tornando-se sempre mais competente, e vivendo sempre honesta e honradamente. Nós muito recebemos. Temos pesadas responsabilidades. Somos

a luz do mundo. Se não o fôrmos, as nossas trevas serão mais profundas.

Outra coisa para a qual eu vos exorto é serdes mais sérios e ativos nos negócios públicos. Não me refiro somente à política, mas não a excludo. Precisamos estar atentos para o caminho em que o mundo está sendo conduzido, para os caminhos pelos quais as leis, práticas e sistemas são levados a efeito e pelos quais o nosso ambiente é condicionado; e nós precisamos ter, nesse processo, uma parte ativa e honrosa, e sermos homens entre homens. Precisamos ser parte da época em que vivemos. Não podemos responsabilizar ninguém, a não ser nós mesmos, pelos resultados adversos, se não somos ativos e eficientes, se somos indiferentes e complacentes nos negócios públicos e particulares. Penso que foi Edmund Burke quem disse: “Para que a maldade triunfe, a única coisa necessária é que os bons não façam nada.” E, de tudo isso nós precisamos ser informados, precisamos conhecer os fatos para andar no caminho reto, para nos conduzir bem.

E, precisamos sempre de humildade. Precisamos sempre procurar a nós mesmos, o nosso intelecto, os nossos corações e as nossas razões. Quanto maior o conhecimento, maior o sucesso, de mais humildade precisamos. Realmente, há muitas razões para que nos conservemos humildes. A despeito de todo conhecimento, de tôdas as realizações e de tudo que o homem sabe, permanece ainda o fato, para o qual alguém nos chamou a atenção, de o homem dever a sua existência aqui na terra a uma camada superior do solo, de cerca de dezoito centímetros de espessura, e de existir a chuva. (Autor desconhecido.) A vida é possível aqui devido à Divina Providência. E, conquanto o homem possa aprender e usar as leis da natureza, as leis da vida, continuamos crianças na compreensão, crianças diante da infinita e inescrutável sabedoria que mantém a criação em seu curso.

“Nós podemos pôr muitos homens em órbita, no espaço — mas por que nos maravilhamos tanto?”, perguntou alguém. “Não estamos nós em órbita no espaço tôda a nossa vida, num mundo maravilhoso?” (autor desconhecido.) O Criador permanece no comando.

A maior parte da minha vida é vivida entre gente que não é da

minha fé, homens e mulheres piedosos, sinceros e de boa vontade, a quem eu amo e respeito, em todo mundo. Nunca fiquei embaraçado pelos padrões da Igreja. Estou, porém certo de que perderemos o respeito de muitos homens, talvez de todos os homens, se não fôrmos sinceros com a nossa fé e com as nossas convicções. Desapontamos os nossos amigos quando abandonamos os nossos princípios.

Há mandamentos a seguir, padrões para serem vividos, e finalidades eternas e promessas com as quais podemos contar.

Aprenda, prepare-se, melhore, trabalhe, conserve-se limpo, torne-se competente, viva com honra e honestidade; Não desperdice, não seja ocioso, não seja indeciso; conserve a vida equilibrada e lute para obter resultado. Não se desencoraje à toa.

Essas coisas não são tão fáceis como parecem. Todos têm problemas. Todos nós temos problemas pessoais. Não há perfeição neste mundo, há porém, ainda, verdades eternas com as quais somos responsabilizados.

“O importante a considerar não é quanto nós vamos viver,” disse o Presidente Joseph F. Smith, “mas, quão bem aprendemos as lições da vida, e cumprimos nossos deveres e obrigações para com Deus, e de uns para com os outros. Uma das principais finalidades da existência é que devemos viver de acôrdo com os ensinamentos daquele que viveu na carne, sem mácula — imaculado, puro, e sem mancha!” (Doutrina do Evangelho, p. 270.)

Este é o nosso dia sobre a terra. Não é provável que sejamos capazes de fazer o relógio andar para trás. Não é provável que as condições neste mundo tornem a ser como eram.

A vida se move somente numa direção, e nós nos movemos com ela; É porém confortante, e nos dá confiança, saber que há algo prevalecendo sobre tudo, planos e finalidades, e que cada um de nós tem uma parte a realizar, uma parte eterna nos grandes planos de Deus.

E, como fizeram nossos pais, antes de nós, vamos começar onde nós estamos, com o que temos, ser o que devemos ser e principiar a ir onde devemos ir, a usar as nossas oportunidades e energias, a nos mover para a frente, a ter fé, a conservar a fé, a nos tornar parte das coisas, a tomar as responsabilidades públicas e cívicas,

(continua na pág. 25)



A DISCIPLINA NA CLASSE

A. Lavar Thornock

O Presidente McKay disse, "Nenhum membro da classe tem o direito de distrair outro estudante..."

A experiência tem ensinado que a maior parte dos professores iniciam suas carreiras tendo um conceito de disciplina tão generalizado que, em situações determinadas, é de pouco ou nenhum valor. Dispenderam pouco tempo estudando a filosofia pessoal da disciplina. Durante os dez anos que o autor tem ensinado e coordenado seminários, verificou que quase todos os professores encontram dificuldades, em parte por não terem sabido desenvolver na classe uma disciplina sadia. As relações dos professores com os estudantes, tornam-se por vezes, tão artificiais que destroem a atmosfera propícia a um ensino efetivo.

O Presidente David O. McKay disse, "As nossas salas de aula são, algumas vezes, lugares de turbulência. É aí que precisamos de bons professores. Um professor que possa apresentar a lição de maneira interessante manterá a ordem, e quando ele ou ela encontram estudantes rebeldes, jogando papéis, sem prestar atenção, fazendo algo errado ou dando ponta-pés uns nos outros, ele ou ela podem ficar sabendo que a lição não está sendo dada como devia. Talvez mesmo, não tenha sido convenientemente preparada. "O Profeta prossegue e diz, mais adiante, que "Nenhum membro da classe tem o direito de distrair outro estudante, empurrando, acendendo a luz ou fazendo observações tôlas. Acho que na Igreja, nos quórums do sacerdócio, nas classes, e nas auxiliares, os professores e os líderes não o deveriam permitir." ("Reverência, um Sinal de Nobreza e de Fôrça," *The Instructor*, January 1966.)

Uma das maiores fôrças que pode ter qualquer professor é um bom conhecimento daquilo que ensina, de tal maneira que prepara uma lição atraente e útil para todos. Isso eliminará muitos problemas de disciplina negativa.

O professor excepcional pode passear na classe e dá uma regra que, geralmente falando, resolverá todos os seus problemas de disciplina antes que eles progridam. A seguinte norma de conduta: "Não há regulamentos nesta classe até que um deles seja transgredido," resolverá o caso para um tal professor. Entretanto, muitos dos que ensinam não são verdadeiros professores. Conseqüentemente precisamos ter uma filosofia mais específica e significativa da disciplina, se quisermos ter salas de aula controladas, nas quais reine uma atmosfera repousante e ativa.

A melhor das disciplinas é a disciplina interior ou auto-disciplina. Contudo, um nôvo professor logo verá que alguns estudantes, em quase tôdas as classes, não têm essa disciplina interior, porque não a receberam no lar. Para êsses poucos estudantes, que por uma ou várias razões, não tomam parte na aula, e através de um comportamento negativo procuram desorganizar ou perturbar a classe, sugerimos as idéias seguintes.

Os serviços militares dos Estados Unidos aperfeiçoaram numerosos armamentos para serem usados na guerra, em situações específicas. O primeiro grupo de armamentos que o autor conheceu quando entrou no

exército chamava-se “armamentos para braços pequenos”, que são usados onde uma pequena potência de fogo é necessária para controlar a situação.

O exército tinha também um armamento que, embora fosse considerado parte dos “armamentos de braços pequenos” era extremamente eficiente quando uma potência de fogo um pouco maior do que a de um fuzil M-1, ou arma similar, Browning automática, era necessária.

Durante um treinamento de combate ficamos conhecendo um armamento muito mais pesado — que precisava de um pelotão para manobrá-lo. O exército chamava-o “howitzer” ou mais comumente, “o canhão”. Outros armamentos mais destrutivos têm sido aperfeiçoados, como, por exemplo, a bomba atômica.

Embora os armamentos de guerra sejam usados para controlar as nações, e estejam associados em nossas mentes, com a destruição, tornaram-se indispensáveis, também, em nossos dias, porque há os que não respeitam os direitos alheios.

Pela experiência sabemos que os professores precisam de certas ferramentas, ou “armamentos”, para controlar os estudantes que não querem respeitar os direitos dos outros. Gostaríamos de comparar alguns dos armamentos usados nas salas de aula com os usados pelos militares. O nosso exemplo será para um caso na A.M.M., o princípio, porém, poderá ser aplicado em qualquer caso relacionado com o ensino, dentro da Igreja.

A aula apenas teve início, e o irmão Alcino a inicia com entusiasmo. Imediatamente Renato, sentado atrás, desanda a conversar com outro estudante. O irmão Alcino fazendo uso de uma arma simples “silêncio”, pára, e olha na direção de Renato. Renato pára de falar imediatamente, e o irmão Alcino recomeça de novo. Se Renato começar a falar outra vez, o irmão Alcino repetirá exatamente o que fez antes.

Pensamos que é prudente permitir que o estudante erre duas vezes antes de tentar usar uma outra arma de potência maior. Poderá ser esquecimento da parte do estudante ou porque ele ache que aquilo é direito.

Suponhamos que o irmão Alcino já interrompeu a aula duas vezes e Renato continua perturbando. Ele deve, então, abandonar a pequena arma e pegar uma mais potente. A arma seguinte a usar na sala de aula é caminhar na direção de Renato, ou chamá-lo pelo nome, ou as duas coisas. Este método não deverá ser usado mas de duas vezes numa hora de aula.

Se houver firmeza no uso dessas duas armas, poucas vezes haverá necessidade de ir além.

Os estudantes desenvolverão certo sentido de segurança porque sabem o que acontece cada vez que se inicia um comportamento negativo.

Se não fôr bem sucedido depois de usar essa técnica em diversos períodos de aula, onde irá você? Suponhamos que Renato está experimentando apenas, para ver o que acontece se ele não responder. Qual será o terceiro passo? A terceira arma a usar em nossos passos progressivos de disciplina, é o que poderíamos chamar “arma secreta.” Você encontra Renato quando ele se dirige para a porta, e pergunta-lhe, “Renato a que horas posso encontrar seus pais em casa?” Ou, poderá dizer com firmeza, “Renato, acho bom prestar atenção daqui em diante!”

Renato não sabe exatamente quais são as intenções do professor. Irá ele falar com meu pai? Irá ele tomar alguma medida drástica? Será que vai me mandar em-

bora? Em muitos casos a ameaça, apenas, resolverá, sem mais nada.

Suponhamos que a ameaça de falar com os pais não dê resultado, e que Renato continue a comportar-se mal. O procedimento negativo deve ser interrompido de modo que você possa cumprir os seus deveres junto aos demais estudantes da classe. É imperativo, e não será mais tolerado, que o estudante turbulento continue seus intentos.

A quarta medida ou “arma”, nesse caso, é pedir ao estudante que se retire da sala para falar com ele lá fora. Isso deve ser feito imediatamente, e sem nenhuma fanfarra. O professor dirá à classe para continuar discutindo (talvez passando a direção para um oficial da classe). Ele deve acompanhar Renato até um membro da superintendência e voltar, o mais depressa possível, para a classe.

Se, nesse tempo o problema da disciplina não melhorar, o professor deve fazer todos os esforços para saber qual é a atitude dos pais. Cada caso é diferente, e por isso mesmo, o professor deverá ser responsabilizado a determinar quando os pais deverão interferir no caso. Alguns estudantes acharão que você está desconfiando deles, e não lhes está dando uma oportunidade, se seus pais forem chamados ao menor sinal de mau comportamento. Outros pais poderão pressionar brutalmente os filhos para fazê-los obedecer. E, ainda outros, apoiarão o estudante e o incentivarão a continuar no seu comportamento inaceitável. Assim sendo, é impossível traçar uma rígida linha de conduta, e dizer quando os pais devem entrar em cena. Não duvidamos que você já tenha percebido qual é a próxima “arma”, em nosso progressivo uso da “potência de fogo.” Quando o problema disciplinar tornou-se severo demais para poder ser tolerado, empregamos a “bomba.” Isto significa que o estudante será desligado da classe, temporariamente. Como trata-se de um julgamento sério, o professor deverá ter antes esgotado todos os meios ao seu alcance e estar muito certo de que a sua decisão é a melhor, a todos os respeitos. Isto significa que ele deve ter considerado o efeito que essa medida terá, não somente sobre o estudante, mas também, sobre os pais. O superintendente ou o auxiliar do presidente deverá também, ter sido consultado.

Alguns professores poderão achar que nenhum estudante deverá ser desligado, de maneira alguma. O autor acha, sinceramente, que foi um gesto de amor quando o nosso Pai Celestial tirou um terço das hostes celestiais de sua presença, em nossa pré-existência. Do mesmo modo, quando você considera todos os seus estudantes e o bem-estar deles, e o tempo que dedica a cada um, chega o momento em que não há outra alternativa senão desligar o estudante.

Diríamos ainda uma coisa — Nós o desligamos, mas não o esquecemos.

Acompanhar é essencial! O Presidente David O. McKay disse, “Você não endireitará a juventude transviada, a menos que primeiro faça-a compreender que está interessado nela. Deixe-os sentir a pancada do seu coração. Somente um coração cheio de calor pode transmitir calor a outro. Rapazes e moças cabeçudos suspeitam das pessoas que os cercam. Outros pensam que são demais. A mão amável ou a arma do amor elimina a suspeição e desperta a confiança. A sua própria experiência demonstra o valor do companheirismo.”

(continua na pág. 15)

(Continuação da pág. 13)

Numa situação conflitante nada pode ser resolvido até que controlem algumas das forças emocionais, de maneira que a razão e a compreensão tenham oportunidade de se manifestar. O presidente McKay conta a história de um casal, casado há cinquenta anos, que diz nunca ter brigado. Perguntou-se ao casal como tinham conseguido isso. O marido contou o seguinte: quando se casaram combinaram que, quando êle ou ela sentisse vontade de brigar daria um passeio para refrescar. E êle concluiu, "Não brigamos, em compensação, passei quase tôda a vida passeando!"

Este casal sabia que de tempos em tempos se desentenderiam, ficariam zangados e sentiriam vontade de brigar. Reconheceram que não seriam capazes de modificar seus sentimentos à vontade. Assim, sabiam que achariam alguma maneira de abrandar os sentimentos de raiva sem transmiti-los um ao outro. Andar é um bom processo de dispendir energia — como tôda forma de exercício físico. Há outras atividades que absorvem energia. São atividades de projeção, tais como a música, a dança e o drama, nas quais os sentimentos interiores vêm para fora, expressivamente, naquilo que se está fazendo. Um conselheiro matrimonial sugere que, se quando estivermos zangados, e não pudermos pensar em nada, a não ser na zanga, ajoelhar-se ao lado da cama ou de um divã, e esmurrá-lo com ambos os punhos ou bater uma porta, bater com uma frigideira, (não porém na cabeça dos outros.) Outro conselheiro acha que é loucura fazer essas coisas. Deve haver outros meios mais construtivos e mais interessantes para aliviar os sentimentos de raiva! É importante reconhecer suficientemente a necessidade de manipular êsses sentimentos e respeitar o seu parceiro, para não o usar como alvo.

RESOLVENDO CONFLITOS

A pergunta dolorosa é como resolver as conseqüências do conflito depois que passou a raiva e o silêncio e chegou o momento de falar. Isto requer comunicação — não palavras — "comunicação". Nessa comunicação deve haver (1) um reconhecimento das origens, (2) o reconhecimento das diferentes significações para cada contendor, e (3) discussão e acôrdo sôbre a ação que deve ser praticada

para facilitar o assunto e promover entendimento. Por exemplo, uma causa freqüente de conflitos é a chegada do pai, quando vem do trabalho, na hora das refeições.

Se o pai está sempre atrasado e a espôsa se aborrece, o conflito já existe. As discussões podem não resolver as situações. Repreensões não resolvem a situação. A compreensão dos vários problemas envolvidos ajudarão a preparar o terreno para uma possível solução.

Se o pai está atrasado todos os dias e se a mãe está aborrecida, o problema dêle e o dela não é o mesmo. Se a resolução fôr achada, cada um deve apreciar seu próprio problema e o problema do outro.

Os aborrecimentos da mãe pelo atraso do pai, é problema dela. Por que está ela aborrecida? Para uma mulher, talvez signifique inabilidade de compartilhamento; à outra, pode parecer falta de consideração (ela é menos importante do que o negócio); para outra é a prova de que no terreno doméstico o planejamento nunca funciona.

Qual é o problema do pai? Um problema é a reação da mãe ao seu atraso e sua obrigação de contribuir para a relação harmoniosa de ambos. Um outro problema, porém, é aquêle que causa o seu atraso. Talvez êle seja distraído e não se dê conta da passagem do tempo. Talvez seja complacente e faça o que os outros querem com muita facilidade. Talvez não saiba dispor do seu tempo para completar o trabalho dentro do horário. O homem tem a responsabilidade de tentar resolver tais problemas; Resolvê-los, porém, nem sempre é fácil. Para isto, ambos, sua mulher e êle, necessitam de compreensão.

Quantos homens poderão dizer à sua espôsa, "Não me espere para o jantar; Não se fie em mim porque não sei calcular o tempo!" ou, "Não conte comigo para o jantar porque sou tão distraído que nunca me lembro das coisas," ou, "Não me espere para o jantar até que eu aprenda a ser menos mole em fazer o que os outros querem!"

Quantas espôsas podem dizer ao marido, "Eu quero você aqui na hora do jantar porque é aqui que você deve estar"? Quantas espôsas poderão dizer ao marido, "Quero que você esteja aqui na hora do jantar porque gosto da sua companhia — ou desejo a sua companhia," "Quero que es-

teja aqui para jantar porque não me sinto feliz comendo sôzinha," em lugar de dizer, "é o seu lugar," ou, você não está sendo correto!" Não duvido do direito da mulher de comentar o que é direito ou o que o homem deve à sua espôsa e família. Do mesmo modo, não duvido do direito do homem de mostrar o que é correto, etc, à sua espôsa. O que eu quero dizer é que, argumentos sôbre boa conduta e retidão não resolvem conflitos matrimoniais.

Para a espôsa cujo marido chega em casa tarde, podemos dizer que o problema dêle envolve a competição entre o seu respeito por ela, a relação entre ambos, e a sua habilidade de manejar os negócios no mundo. Para o marido que chega em casa tarde, podemos dizer que êle, provavelmente, nunca avaliou completamente o que tal situação representa para uma espôsa, e que ela, também, está prêsá entre as tentativas de compreender êste mundo e seus sentimentos sôbre as desejadas metas nas relações conjugais.

Muitas vêzes a pessoa que errou sabe que está errada, porém está em êrro, muitas vêzes, porque algo em sua formação criou uma fraqueza, — não sabe manobrar.

Que aconteceria se um homem distraído se casasse com uma mulher do tipo "orientada para a vida interligada"? Podemos calcular que teriam conflitos em quantidade. Poderíamos resolver tal conflito dizendo ao homem para ser menos distraído? Arranjar uma secretária mais eficiente para êle, pode ajudar. Ou algumas chamadas de casa poderiam ajudar. Poderia resolver tal conflito dizer à sua espôsa para ser menos orientada no sentido de uma vida interligada? Talvez uma definição mais clara do que é vida interligada misturada com ajuda ao marido para conservar na memória fatos importantes seria a melhor resposta. Os hábitos básicos de viver podem ser mudados. Para muitos de nós, porém, podem ser mudados sômente com um tremendo desejo, grande esforço, e durante um certo tempo. Isso requer, normalmente, uma boa dose de encorajamento daqueles que nos cercam, para nos dirigirmos, com sucesso, na direção da nossa meta.

Em tôda situação conflitante há algumas realidades presentes sôbre "Quem" pode adaptar-se e "de que modo". Embora cada um tenha res-

pensabilidade pela ajuda do outro, a consideração dessas realidades é geralmente útil, criando um clima no qual as melhores respostas são encontradas. Isso requer humildade, honesta e amável comunicação, mais um verdadeiro sentido de dedicação da parte de cada um, para produzir uma contribuição máxima para a vida de ambos.

Freqüentemente em nossa comunicação ligamos nossos desejos com a implicação de uma linha (que provavelmente nunca se materializa). Um interlocutor diz ao outro, "Você deve fazer algo sobre esta... situação." Isto é verdade, vive porém a implicação, "Se você não fizer algo..." ou, para citarmos o caso da hora das refeições, se a esposa diz, "ou você chega na hora ou vai comer noutro lugar", qual é o tipo de reação criado? Compare isto com a reação que você experimenta diante de uma declaração assim: Querido, "Sentir-me-ei muito feliz se comermos juntos. Como poderemos resolver esse problema?"

Ao resolver conflitos, somente poderá ocorrer uma comunicação adequada quando os indivíduos sentem uma atmosfera de segurança na qual as experiências podem ser livremente expressas e as tentativas para resolver problemas possam ter lugar. Uma atmosfera em que transpareça qualquer sentido de ameaça provoca defesas individuais, e a comunicação, toma então, o aspecto de um dispositivo de fazer cessar fogo. A resolução de conflitos requer discussão das possíveis respostas, acôrdos para experimentar planos por um certo tempo, avaliação honesta de como um plano está funcionando periodicamente, e reajustamentos, caso necessário.

Ao resolver conflitos o caminho em cada caso é diferente — de acôrdo com a atmosfera de segurança na qual podemos conduzir as experiências solucionadoras. Nada disso, porém pode ser conseguido, a menos que o casal esteja certo de que estão falando sobre as mesmas coisas. Pelo fato de sermos personalidades diferentes, até mesmo as palavras que usamos não têm sempre a mesma significação. Alguns estudiosos do casamento já sentiram que o "mundo das palavras" do homem e da mulher varia tremendamente, assim, no casamento até palavras como "amor", "companheirismo e compartilhar" significam coisas diferentes. Isto pode ser verdade, mas estaremos mais a salvo, provável-

mente, dizendo que por têmos diferentes personalidades com experiências divergentes, palavras e frases terão significação diferente para cada um. Por essa razão os casais são obrigados a dizer, freqüentemente "É isso que eu quero dizer," ou "Diga-me, é isso o que você sente?" ou "Permita que diga do meu jeito o que eu penso que você quis dizer, assim veremos se estamos falando sobre a mesma coisa."

Como vemos, é preciso conversar muito! Não podemos viver, nas relações matrimoniais, com satisfação, sem cultivar a tolerância, a adaptação e a comunicabilidade. A profundidade das relações só vem quando as pessoas criam as condições onde ela possa existir. Essas condições requerem que as pessoas abram-se umas com as outras através da comunicação sincera e amigável.

Agora que olhamos o conflito mais de perto, as situações conflitantes, e a resolução do conflito, podemos ver quanto facilmente os conflitos podem ocorrer em tôdas as famílias. Fizemos distinção entre conflito e os processos tentados para manejá-los, tais como provocar, querelar e assim por diante. Já mostramos a natureza da situação do conflito e como ele deve ser tratado, antes de estarmos prontos para a sua resolução. E, nós já discutimos um pouco sobre o processo de comunicação necessário para aperfeiçoar soluções para resolver conflitos.

Isso nos leva a um pensamento final. Não importa o grau de perfeição com que fazemos as coisas, o que realmente conta é o espírito com o qual nós as fazemos. Como dizem as escrituras. "... o espírito vivifica." (Cor. 3:6) O espírito em aprêço aqui, é o espírito de apreciação por nós mesmos e por nosso interlocutor e as suas tentativas para viver uma vida correta. Pode-se aprender coisas sobre personalidades e sobre situações conflitantes, e ainda assim usar êses conhecimentos para tornar as coisas ainda mais difíceis para um parceiro. "Um pouco de conhecimento pode ser um perigo."

Creio que às vezes oramos pelas coisas erradas. Pedimos ao Senhor para resolver os nossos problemas. Talvez devêssemos pedir-lhe que nos desse o espírito de retidão; então nós desejaremos resolver a situação e sentiremos confiança ao usar as nossas habilidades para achar soluções significativas.

Parece que o que nós mais precisamos dêle é a ajuda para alcançar o espírito, para desejar tornar as nossas vidas mais significativas, e o sustento para continuar tentando quando tomamos por caminhos que demandam alguma modificação da nossa personalidade.

O nosso maior desafio e prece, por êsse motivo, deve ser, no dizer do escritor do velho testamento, "... e renove um espírito de retidão dentro de mim." (Ps. 41:10.)



(Continuação da pág. 21)

a nos interessar no govêrno, em todos os negócios e forças que conduzem o mundo, a ser uma parte construtiva e eficiente do que molda e movimenta o homem. Sentar-se à margem não é suficiente.

"Por favor Senhor, não nos permita viver na negligência, ... mas para conhecer a verdade e a ela nos dedicarmos." (autor desconhecido.), para a realização das finalidades dadas por Deus, e para as coisas que mais importam.

"Cônscio de que eu não posso separar-me do tempo no qual estou vivendo, resolvi tornar-me uma parte dêle." (Atribuído a Alberto Camus, jornalista francês.)

E, assim sendo, hoje mesmo, eu vos exorto, meus amados jovens amigos desta geração, e também para nós que somos mais velhos, a vos preparardes, a serdes competentes, a vencer, a serdes uma parte eficiente e participante daquilo que modela o futuro, indo para diante com fé e confiança, sem sacrificar princípios, mas, sendo parte do nosso tempo.

Meus amados irmãos de tôdas as partes, deixo com vocês o meu testemunho de que o trabalho do pai está conosco, restaurado na terra para o nosso tempo, para nosso guia, para nossa segurança, para nosso sucesso, de acôrdo com a nossa maneira de viver, de aprender, de fazer a sua vontade e de viver os seus mandamentos, teremos a vida eterna na companhia dos nossos entes queridos, o que é a maior garantia dada pelo evangelho, o maior dos presentes dado por Deus.

Possam a sua paz e bênçãos, orientação e proteção, estar convosco sempre, eu oro em nome de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Amém.

Um pai, indo a pé ou de automóvel para a reunião do sacerdócio, deverá ter muitos assuntos para conversar com o filho. Há tanto para ensinar a um rapaz acêrca das relações entre o homem mortal e seu pai celestial, acêrca do nascimento e da morte, da preexistência e do que vem depois da morte, das relações de um com outro, do casamento, das ordenanças, dos templos, de missões que, certamente não haverá interrupção no diálogo.

O pai tem tanta coisa a dizer e, apesar disso, muitas vêzes, mau grado tantos valiosos conhecimentos a serem ensinados, caminha ou dirige em silêncio, demonstrando contentamento por ter o rapaz ao lado. Nessas ocasiões, geralmente, o rapaz mantém-se silencioso, também. Muitos pais não têm facilidade para conversar, e algumas vêzes não sabem o que dizer.

A reunião semanal do sacerdócio deverá ser uma experiência que ajudará a dar ao pai os necessários ensinamentos de modo que êle possa levar ao filho, e à tôda a família, interessantes assuntos de conversação. O título do livro de lições dêste ano, é, com muita propriedade, "O Sacerdócio e você."(*) Pelo tempo decorrido, se o pai foi bom aluno já terá estudado uns seis capítulos que servirão para discutir com o filho. Esperamos que o pai tenha lido o material de estudo e que além disso, tenha aproveitado, também, os ensinamentos das aulas.

É interessante que as aulas sôbre assuntos do evangelho tenham sido ministradas durante anos e anos, e ainda na presente lição o material seja atual, nôvo e diferente. A matéria é familiar. São assuntos permanentes

que, se forem vividos nos levarão à exaltação. O tratamento do assunto, é em cada caso vívido e brilhante. Veja a lista dos principais assuntos:

O sacerdócio dá-lhe parceria com Deus

Seu sacerdócio representa autoridade

O sacerdócio dá-lhe poder

Você é o patriarca do seu lar

Você é o mantenedor do quórum de irmãos

O seu sacerdócio está no govêrno de Deus

Há aproximadamente oito lições sob cada título.

A freqüência às reuniões semanais do sacerdócio serve para rememorar nos membros antigos muito do que êles já aprenderam e dá-lhes um nôvo ângulo para encarar êsses conhecimentos e novas aplicações para as lições ensinadas.

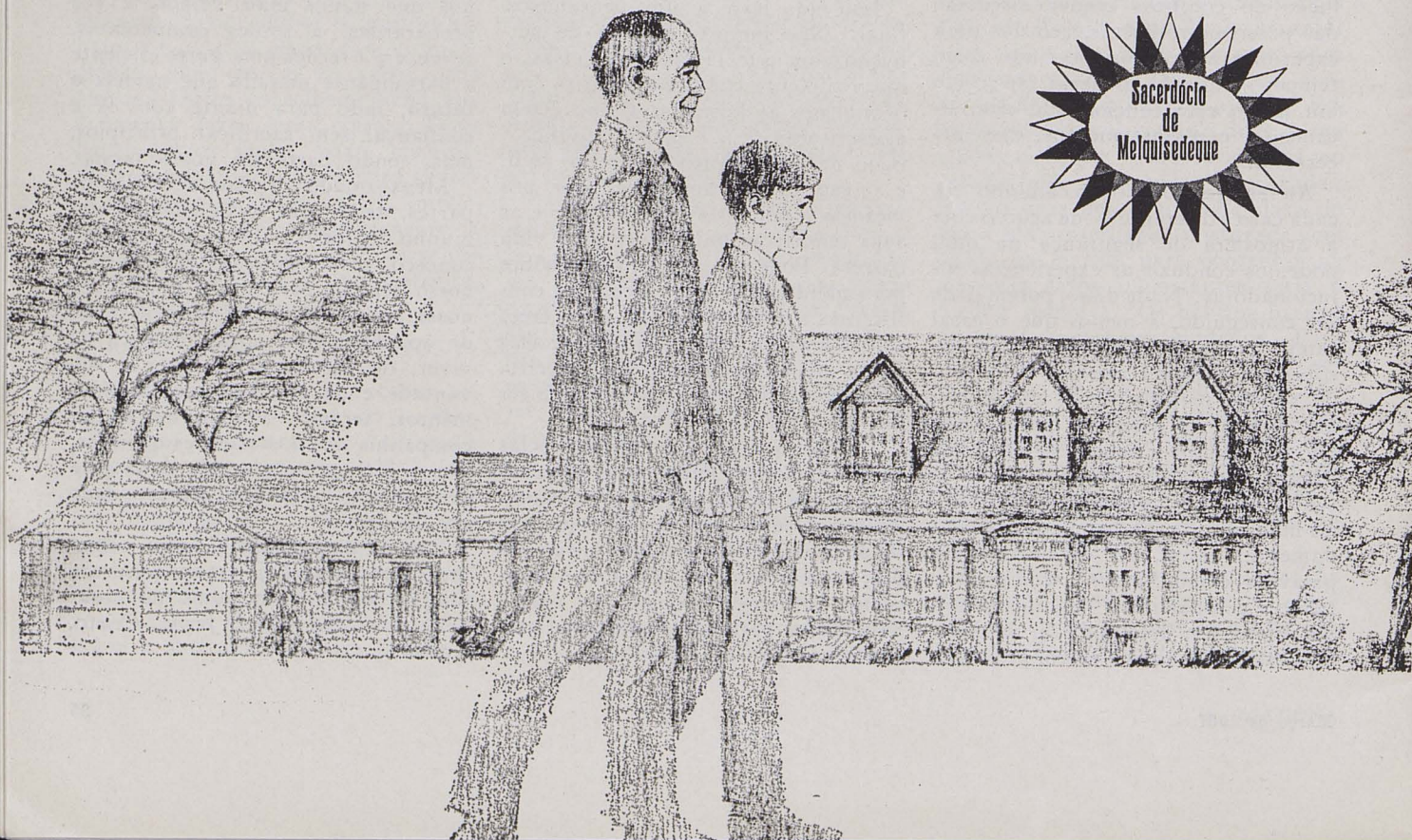
Para os membros cada manhã de domingo torna-se motivo de verdadeira alegria porque o Espírito Santo dá-lhes compreensão maior. Regozija-se por ser um filho de Deus, a quem Deus não esquece nunca.

Tanto para os membros antigos como para os novos as lições dão novas idéias sôbre as relações com suas espôsas e com suas famílias. Todos se tornarão melhores ajudantes de suas espôsas e melhores pais para seus filhos e filhas.

As caminhadas semanais, a pé ou de automóvel, para a reunião do sacerdócio serão enriquecidas se os pais transmitirem aos filhos conhecimentos recentemente adquiridos que lhes darão a rica companhia de Abraão, Isaque, Jacó e José.

(*) Livro em tradução, a ser editado brevemente.

Pais, Filhos e seus Sacerdócios



JÓIAS DO PENSAMENTO

POR
RICHARD L. EVANS



Foto de Rui M. Bronze

Desejando Aprender

“Tôdas as pessoas que pensaram profundamente e estudaram intensamente... sabem isso,” disse a senhora Burton Chance. “Há uma ajuda que chega, que nos alenta, nos estimula e nos dá vida interior. . . Ninguém, porém, pode ajudar a quem pensa que sabe tudo. Ninguém aprende sem primeiro querer aprender.” Parece que chegou a hora de dizer que, desejar aprender sinceramente, é um dos elementos absolutamente essenciais do sucesso. E, quando tantos estão tomando decisões, se devem ou se não devem continuar a preparar-se, se devem abandonar, se devem pular fora ou preparar-se para algo abaixo do melhor que êles poderiam alcançar, nós nos lembramos, a nós mesmos, que a mente do homem é sem limites, e que o maior desperdício do mundo é o desperdício das possibilidades humanas. Por falta de boa vontade, por falta de querer, por falta de confiança e de coragem, por falta de preparação adequada, há um número infinito de possibilidades perdidas. E nenhum jovem ou nenhuma jovem deveria entrar na vida satisfeito por ter feito menos do que pode, por ser menos do que pode ser, ou não querendo fazer esforço mental, físico, financeiro, sacrificar alguns prazeres, alguns passatempos, alguns ócios, algum conforto e conveniências. Ninguém deveria passar pelo período destinado à preparação sem procurar melhorar seus conhecimentos, sem procurar tornar-se útil.

Há tanto para ser feito em todo mundo, tantas oportunidades e tantas brechas. E, desde que o mais precioso de todos os recursos é a capacidade de aprender, para realizar, é pura preguiça, tôla estreiteza mental não andar para a frente, não seguir adiante com preparo, para conseguir o máximo da nossa capacidade, competência e caráter. E, na medida em que o fazemos, chega o auxílio. O auxílio vem quando os outros nos vêem fazendo um esforço honesto e determinado. — “Tudo que eu não souber não me envergonharei de perguntar,” disse um filósofo persa, “Assim adquirirei conhecimento.” “Ninguém pode ajudar uma pessoa que pensa saber tudo. . .” Ninguém aprende sem primeiro desejar aprender.

A PARTIR DE CUMORAH

NOVAS VOZES DO PÓ

POR HUGH NIBLEY, DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE HISTÓRIA E RELIGIÃO NA UNIVERSIDADE DE BRIGHAM YOUNG

O Testamento de Lehi/Parte I

Uma pesquisa nos cinquenta e tantos registros apócrifos das recentes descobertas revelam o fato surpreendente de que nenhum outro tema goza de maior proeminência entre eles que o do conselho nos céus, levado a efeito antes da fundação da terra, e o do plano “delineado na presença dos primeiros anjos” naquela ocasião.¹ A expressão “plano” (usualmente empregada como *makhshavah* ou *boule*) ocorre com grande frequência nesses escritos, mas apesar de ser também comumente encontrada na Bíblia, nunca é traduzida como “plano” na versão que conhecemos. Na verdade, a expressão “plano” jamais aparece.² Por outro lado, é citada não menos de 24 vezes no Livro de Mórmon.

Um aspecto básico do “plano” era a preparação para que a vida do homem sobre a terra fôsse um período de teste e provação (palavra repetida 13 vezes no Livro de Mórmon), no qual cada indivíduo se defrontaria todos os dias com a escolha entre duas alternativas — o caminho da luz ou o das trevas, o da vida e o da morte, respectivamente.³

Este tema, como é plenamente debatido no Livro de Mórmon, goza sempre de extraordinária predominância nos escritos apócrifos recém-descobertos⁴, e, no entanto, não tem lugar na teologia convencional cristã ou judaica, tendo sido vigorosamente condenado pelos doutores de ambas as facções, no IV e V séculos, já que não toleravam qualquer conceito que implicasse na preexistência do espírito do homem⁵. Eis porque os estudiosos evitaram expressões tais como “plano” e “provação”, em nossas traduções da Bíblia; para os contemporâneos de Joseph Smith, essas noções eram completamente estranhas, apesar de agora sabermos, gra-

ças aos documentos encontrados “a partir de Cumorah” que elas eram a própria essência do antigo cristianismo e judaísmo.

Uma vez que esses assuntos já foram tratados em outro lugar, ao invés de debates doutrinários, consideraremos aqui o que constitui, talvez, a mais notável semelhança entre o Livro de Mórmon e os apócrifos recém-descobertos, ou seja, as imagens estranhas e peculiares empregadas em ambos os registros para analisar o plano. É em sua alegoria profusa, porém pouco comum, que os autores do Livro de Mórmon estamparam, por assim dizer, suas impressões digitais por toda a obra. Já demonstramos com que exatidão o Livro de Mórmon descreve os aspectos triviais da vida no antigo Oriente, tanto em Jerusalém como no deserto⁶; o que desejamos fazer agora é salientar alguns dos muitos exemplos em que as figuras literárias do livro podem harmonizar-se não apenas com a realidade da vida nos tempos antigos, mas especialmente com as imagens correspondentes dos apócrifos.

Considere-se como o Livro de Mórmon se inicia. Após um colofão à maneira egípcia, formalmente correto em todos os detalhes⁷, deparamo-nos de imediato com aquilo que se poderia denominar o Testamento de Lehi. A escolha da forma literária “testamento” e a estreita concordância com todas as suas convenções, através do capítulo de I Nefi inteiro são extremamente notáveis. Esta é a forma pela qual quase todos os patriarcas e profetas de Israel relatam sua história pessoal na Apócrifa, isto é, em obras denominadas “testamento”, e que incluem admoestações a seus filhos e seguidor (geralmente feitas no fim da vida), uma recapitu-

tulação da misericórdia de Deus no passado, juntamente com profecias e advertências de coisas por vir, e (conquanto incongruente à primeira vista) o relato de uma visão na qual o profeta foi levado aos céus e viu Deus em seu trono⁸.

Lehi principia diretamente com a jornada celestial, uma visão na qual “pensou ver Deus sentado em seu trono. . .” (Ibid., 1:8) A seguir, somos reconduzidos ao conselho dos céus, como prólogo adequado para uma história religiosa. Alcança-se uma decisão no conselho, que é saudada com grandes aclamações de júbilo, após o que a seção é encerrada, cada grupo saindo para desincumbir-se das obrigações que lhe foram designadas na execução do plano — plano esse “preparado desde a fundação da terra.”⁹

Vislumbra-se aqui um conceito de céu completamente estranho aos ensinamentos convencionais dos doutores judeus e cristãos, que não puderam inventar nada melhor que a concepção de Atanásio de uma assembléia reunida indefinidamente, com um côro a proclamar incessantemente seus hinos e anjos em permanente atitude de adoração. Esse conceito advém dos poucos e breves vislumbres dos céus, registrados nas Escrituras, em que homens inspirados receberam permissão de rememorar por um momento aquilo que um dia aconteceu nos céus; isto para esclarecer-lhes o que sucede aqui e consolá-los em suas aflições, mostrando-lhes que existe um plano divino por detrás de tudo e, portanto, fazendo-os compreender que os homens bons não devem impacientar-se ou desanimar quando as coisas parecem correr mal. Esta é a lição encontrada em Jó, em João e nas obras *Hinos de Ação de Graças* e *Pergaminho da Batalha*, dos documentos do Mar Morto.¹⁰

O interessante na visão de Lehi é que ela nos descreve a dissolução da assembléia, após o que “. . . ele viu um ser divino descer do céu. . .”

“Viu também mais doze que o seguiam e cujo brilho excedia ao das estrelas do firmamento.

“Eles desceram e andaram sobre a face da terra. . .” (Ibid., 1:9-11).

Todos sabemos que Lúcifer caiu “como uma estrela dos céus” e o *Livro de Enoque* diz que esse profeta “viu muitas estrelas caírem e proje-

tarem-se fora dos céus com aquela primeira estrela.”¹¹ Existe, na verdade, muita coisa nos antigos apócrifos a respeito da vinda de estrelas caídas para ficar entre os homens, na terra.¹²

Mas isto é compensado, nos mesmos escritos, pela outra face da medalha, a vinda de estrelas à terra para a salvação do homem. Lehi relata que “... viu um ser divino descer do céu, e observou que seu resplendor era maior que a luz do sol ao meio-dia.” (Ibid., 9-10) Inácio de Antióquia diz que quando Cristo nasceu “cintilou uma estrela nos céus, mais brilhante que as demais... e todas as outras estrelas, juntamente com o sol e a luz fizeram câoro diante dela.”¹³ Falando da estrela de Belém, um antigo apócrifo diz, “foi na forma de uma estrela” que Miguel guiou os magos a Cristo.¹⁴ Após longas eras de escuridão, diz o *Testamento de Judá*, “uma estrela subirá a vós de Jacó, em paz, e um homem se erguerá como sol da retidão, e os céus serão abertos para êle.”¹⁵ Ou, como o *Testamento de Levi* o descreve, “Então o Senhor elevará um nôvo sacerdote; ... Sua estrela se levantará nos céus como a de um rei... e os céus se abrirão; Eu levarei luz aos gentios.”¹⁶

“As estrelas cintilavam em sua vigília e eram jubilosas,” diz *II*

Baruch, falando dos ministros e estrelas de Deus. “Elas brilhavam com alegria para aquêle que as fêz “e prazerosamente atenderam quando êle as convocou.”¹⁷ No *Pergaminho da Batalha*, o libertador na batalha é denominado “a Estrela de Jacó”¹⁸ e no *Fragmento Sadoquita*, o chefe da facção, em suas andanças, é chamado simplesmente “A Estrela.”¹⁹

O autor dos Reconhecimentos Clementinos ressentiu-se contra o plágio de conceitos cristãos pelos zoroástricos, que denominam seu profeta “a Estrela Viva”²⁰. Num dos apócrifos antigos Maria diz aos apóstolos, “Vós sois estrelas brilhantes.”²¹ Tudo isto são imagens literárias, nada tendo que ver com a adoração de estrelas: os primitivos cristãos evitavam os ardis da astrologia, nos quais os clérigos vieram a cair mais tarde, quando aboliram profetas vivos e despessoalizaram Deus, deixando os corpos celestes como únicos meios de comunicação entre o céu e a terra.²² São simplesmente alegoria convencional e o aspecto que destacam é o conceito de que os espíritos escolhidos, que desceram para ministrar aos homens sôbre a terra são considerados como estrelas em trânsito. Esta é a imagem que se esconde atrás do conceito dos “Sete Sábios”²³, mas a circunstância explícita retratada na visão de Lehi é a corrente nos antigos apócrifos.

Mencionamos o Caminho da Luz e o Caminho das Trevas para representar a vida humana como um período de provação. O contraste entre a luz e a escuridão é, como agora já se conhece bem, uma obsessão entre os autôres dos Pergaminhos do Mar Morto, porém não mais que entre os escritores do Livro de Mórmon.²⁴ Mas uma vez que êsse contraste é perfeitamente natural e muito comum na literatura religiosa, pode-se empregar um exemplo mais específico, a fim de se demonstrar o idioma comum da Apócrifa e do Livro de Mórmon.

“Homens de branco”. Esta é a imagem da vestimenta branca ou, especificamente, dos “três homens de branco.” Recentemente o Professor E. Goodenough salientou que a mais antiga arte judaica conhecida representa “seus grandes heróis... com túnicas brancas, para simbolizar sua natureza “luminosa”... Outro elemento que chama a atenção... é a grande predominância de grupos de três figuras, usualmente com êsse traje... a escolha de três era arbitrária e o número total de cenas que representam um grupo de três parece ultrapassar de muito a coincidência... O próprio Filon de Alexandria fêz da visão dos “três homens” um conceito particular da natureza essencial de Deus.”²⁵



O Livro de Mórmon descreve os aspectos triviais da vida no antigo Oriente, tanto em Jerusalém como no deserto.



Os “três homens” é uma imagem constantemente repetida na Apócrifa e Cyrus Gordon comentou a peculiar preocupação dos antigos épicos hebraicos com “tríades de poder”, celestiais e terrenas.²⁶ Enoque é conduzido aos céus por “três personagens vestidas de branco,”²⁷ e em Jubileus, quando o Senhor desce para ver a torre é acompanhado por dois seres, como em Gênesis 18.²⁸ Nas recém-descobertas *Palavras de Moisés*, registra-se que a lei foi dada não por Moisés apenas, mas por Moisés e seus dois conselheiros, Eliazar e Josué.²⁹

Quando lemos no Manual de Disciplina que “Deus através de seu Ungido nos fez conhecer seu Santo Espírito”, estamos tratando claramente com três pessoas que falam ao homem.³⁰ De acordo com a doutrina mandeana, três seres celestiais auxiliaram na criação e ocasionalmente visitaram a terra; êles, entretanto, não eram a Trindade, mas três mensageiros que posteriormente viveram sobre a terra como profetas.³¹

O Livro de Mórmon fala muito a respeito de mensageiros de branco. A visão de Lehi, no deserto, inicia-se com “um homem vestido com uma túnica branca,” o qual se torna seu guia. (1 Nefi 8:5.) São-lhe mostrados “doze ministros... cujas túnicas... foram purificadas...” (Ibid., 12:10), seguidos por três gerações de homens com “vestimentas brancas, como as do Cordeiro de Deus.” (Ibid., 12:11.) Pouco depois Nefi, também em visão, contemplou “um homem que estava vestido com uma túnica branca,” sendo êste João, o que haveria de vir. (Ibid., 14:19.)

“... Ninguém poderá ser salvo”, diz Alma, “sem que suas vestimentas sejam lavadas até ficarem brancas...” (Alma 5:21.) Êle relata que os do antigo sacerdócio “foram chamados segundo esta santa ordem, e foram santificados, e suas vestimentas purificadas pelo sangue do Cordeiro.

“E êles... (têm) suas vestimentas purificadas sendo, portanto, puras e sem mancha diante de Deus...” (Ibid., 13:11-12.) Mas a passagem mais comovente e significativa é sua prece formal pela cidade de Gideon:

“... E que o Senhor vos abençoe e conserve vossas vestimentas sem mancha, para que possais finalmente sentar-vos ao lado de Abraão, Isaque e Jacó e dos santos profetas... tendo vossas vestimentas sem mancha, no

reino dos céus, para não mais sair.” (Ibid., 7:25.)

Aqui Abraão, Isaque e Jacó são os “três homens de branco.”³²

NOTAS

1. Êste foi o tema da segunda palestra anual ao corpo docente, pronunciada pelo autor na Universidade de Brigham Young em 17 de março de 1965, sob o título *The Expanding Gospel*, publicado pela BY Press.

2. Quase sempre *makhshavah* pode ser traduzido por “plano” em Isaías e Jeremias, como seja: Is. 55:8, 9; 59:7; 65:2; 66:18; Jer. 6:19; 18:12; 29:11; 11:19; 18:18; 49:20, 30; 50:4-5; e em alguns casos teria necessariamente de ser assim traduzido: Jer. 29:11; 51:29; confronte-se com Salmos 33:11; Prov. 19:21; 20:18; 2 Sam. 14:14; Miq. 4:12.

3. “Existem duas estradas, uma larga e uma estreita” que conduzem a dois portões, onde Adão se assenta para saudar seus filhos na eternidade, de acordo com o *Testamento de Abraão*, citado por K. Kohler, em *Jewish Quarterly Review*, 7 (1895), págs. 585 em diante. Todas as coisas têm seus opostos, bem e mal: o bem é que é o contraste e a medida do mal e vice-versa,” de acordo com Sefer Yeshira, VI, 2 em diante; confronte-se com Zohar, I, 23: “Se Deus não tivesse dado ao homem uma dupla inclinação para o bem e para o mal, êle seria incapaz tanto de virtude como de erro. Mas, da forma que as coisas são, o homem é dotado de capacidade para ambos.” Antigos escritos cristãos continuam a tradição; ver H. Nibley, *The World and the Prophets*, págs. 168-170; que é também familiar entre os autores clássicos, ou seja, Cícero, *De officiis*, I, 32, 118; Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, de 273 em diante.

4. “Quão grande é o plano de nosso Deus!” (2 Néfi 9:13) “... preparado para todos desde a fundação da terra...” (1 Néfi 10:18.) É o “grande e eterno plano de libertação da morte.” (2 Néfi 11:5; confronte-se com Alma 12:24, 13:29 em diante), contrariado pela contraproposta de Satanás, “aquele plano esperto do demônio!” (2 Néfi 9:28.) Entre os paralelos judaicos, veja-se A. Aalen, *Die Begriffe ‘Licht’ und ‘Finsternis’ im AT, im Spätjudentum und im Rabbinismus*, (Videnskaps Akad. Oslo, II, Hist. — Phil. kl, 1951, n.º 1.)

5. Naquele tempo “os dois caminhos conhecidos não eram mais os caminhos da luz e das trevas que se estendiam diante de Israel, ou da Igreja, mas o caminho da própria Igreja... versus o caminho da Oposição, fôsse quem fôsse,” H. Nibley, em *Church History*, 30 (1961), p. 15.

6. Por exemplo na *The Improvement Era*, n.º 51, de abril de 1948, págs. 202 em diante; 53 (De janeiro a outubro de 1950), págs. 14 em diante; 56-57 (De novembro de 1953 a julho de 1954), págs. 830 em diante; 64 (fevereiro de 1961), págs. 87 em diante.

7. H. Nibley, *Lehi in the Desert* (Salt Lake City, 1952) págs. 17 em diante. Para ilustração fácil de um texto egípcio, escolheu-se a conhecida *História do Marinheiro Naufrago*, que é encerrada com as palavras: “Completa de princípio a fim, como se lê nos livros do hábil (literalmente “excelente de dedos”) escriba Amoni, filho de Amon’ah...” Apesar de êste colofão não ser típico, é curioso devido ao sabor à Livro de Mórmon apresentado pelas denominações de pai e filho.

8. Ver *The Improvement Era*, 67 (1964), p. 974.

9. A fórmula aparece nada menos que dez vezes em G. Reynolds, *A Complete Concordance to the Book of Mormon* (1957), pág. 563.

10. Discutido extensamente na fonte referida acima, nota 1. Falando do *Pergaminho da Batalha*, Y. Yadin escreve: “Seu propósito principal é dar coragem aos Filhos da Luz — sujeitos ao desespero devido a seus fracassos — dizendo-lhes que essa sequência de derrotas e vitórias foi decretada desde tempos imemoriais”; *Sons of Light against the Sons of Darkness* (Oxford University Press, 1962), pág. 8.

11. *I Enoque*, 86:3.

12. Lúcifer, que caiu “como uma estrela dos céus” é o melhor exemplo. Mas a identificação mais plenamente documentada de anjos caídos com estrelas caídas está na antiga tradição dos Watchers, com seu culto da Estrela da Manhã; Tha’labi, *qissas al-Anbiyah* (1340 A. H. ed.), págs. 35-37. Para conhecer a base desta tradição consulte-se G. Widengren, em S. H. Hooke (ed.), *Ritual and Kingship* (Oxford, 1958), págs. 176 em diante. Entre os maias, Vênus, como a estrela da manhã, era temida como causadora de morte, fome e destruição ao homem”; E. Bacon, em S. Piggott (ed.), *Vanished Civilizations* (New York; McGraw-Hill, 1963), p. 163.

13. Inácio, Epístola aos Efésios., c. 19

14. *Book of the Mysteries of Heaven and Earth*, 17 em diante, em *Patrologia Orientalia*, 1, 28.

15. *Testamento de Judas*, 24:1.

16. *Testamento de Levi*, 18:2-3.

17. *Livro de Baruque*, 3:34.

18. *Pegaminho da Batalha* (Milhama), XI, 6.

19. *Convenção de Damasco* (*Fragmento Sadoquita*), 7 (19), 18 em diante. Casos como êste na Apócrifa Judaica são citados por C. Rabin, *The Zadokite Documents* (Oxford, 1954), p. 30.

20. *Reconhecimento Clementino*, IV, 38; para outras referências veja a nota 10 em Migne, *Patrologia Graeca*, I, 1327.

21. *Evangelho de Bartolomeu*, em M. R. James, *The New Testament Apocrypha* (1953), pág. 171.

22. Clemente de Alexandria, in *Patrologia Graeca*, 8:96.

23. Barkowski, em Pauly-Wissowa, *Realenzyklopädie des Altertums*, IIA, 2247.

24. Veja Reynolds, op. cit., sob os temas “luz” e “trevas”; em um versículo, Alma 19:6, a expressão “Luz” ocorre seis vezes.

25. E. Goodenough, *Jewish Symbolism in the Greco-Roman Period* (New York: Bollingen Series, 1953), I, 2-527.

26. C. Gordon, *Before the Bible* (New York: Harper & Row, 1961), págs. 16 em diante.

27. *Segredos de Enoque*, III.

28. *Jubileus*, 10:23.

29. *Palavras de Moisés*, I, 11 em diante.

30. A. Dupont-Sommer, *The Dead Sea Scrolls* (New York: Macmillan, 1952), pág. 65.

31. G. Widengren, em J. Leipoldt (ed.), *Religionsgeschichte des Orients*... (Leiden: E. J. Brill, 1961), p. 86. Tha’labi op. cit., p. 35.

32. Goodenough, op. cit., I, 26, nota que a identidade dos três homens de branco varia consideravelmente, não sendo confinada a quaisquer três em particular.

I N F Â N C I A . . .

Início da Adolecência

por *W. Cleon Skousen*
Chefe de Polícia de Salt Lake City

(Padrões de Comportamento dos 12 aos 13 anos)

“Então, é Essa a idade do Menino?”

Quando o menino de 12 anos diploma-se na escola primária está marcando uma época em sua vida. Um aluno de primeira série de escola ginásial é o “Tal”. Um aluno de segunda série é um “sabichão”. Ele sente logo a diferença. Em lugar de uma carteira tem agora uma escrivadinha, com cadeado, que ele procura não perder. Em lugar da sala comum, ele vai agora para diferentes salas de aula, e cada aula é lecionada por um professor. Tem que arrumar os livros rapidamente, ir para outra aula, e tem que preparar lições em casa.

Tudo isso perturba muito. Ninguém “toma conta dêle”, como acontecia antes na escola primária. Ele dispõe de uma sala particular que é mais para a leitura de boletins e para arrumar a papelada administrativa. Falaram-lhe que há um conselheiro dos rapazes, mas quem é que precisa de conselhos? Ele precisa pertencer a alguém. Um rapaz a quem perguntamos se gostava do “pré-ginásial”, respondeu com vivacidade, “É como viver na selva!”

O que ele queria realmente dizer, era que, pela primeira vez na vida, faltava-lhe alguma coisa. Parecia haver sempre alguém perseguindo-o — os colegas maiores, os novos, exigências dos professores, e até mesmo certas meninas. Ele sentia-se entre fogos cruzados vindos de todos os lados.

Tôdas essas coisas produzem, podemos dizer, um sentimento idêntico entre todos os estudantes da primeira série. Procuram encontrar, então, um professor de sua preferência para substituir a “Dona Glória”, do tempo da escola primária, “Boa Praça”, que os deixava agir. Geralmente disciplinadora em noventa por cento

dos casos, ela sabe se dominar quando é necessário. Os alunos da primeira série gostam de ser desafiados e cumprimentados pelo seu professor favorito.

Os alunos da primeira série evitam de ser chamados de “favorito” da professora, como quem evita a peste bubônica, porque querem fazer parte da “turma.” Resulta disso que, quando um professor, — mesmo que seja um favorito — sai da sala, os outros precipitam-se a fazer toda espécie de micagens, para provar que fazem parte do bando. Está incluído na brincadeira jogar bolinhas de papel molhadas de saliva, giz, borrachas, assim como praticar atos de vandalismo na mesa do professor, ou desenhar grotescas figuras no quadro negro. Geralmente, esses rapazes não estão prontos para um sistema honroso a menos que um professor excepcional consiga colocar um numa determinada aula.

As autoridades escolares verificaram que essas repentinas mudanças nos estudantes do pré-ginásial acontecem na maré vazante da idade de 12 anos, porque os alcança, em média na época mais favorável. A idade de 12 anos é geralmente marcada por um entusiasmo positivo e eles geralmente mostram-se sensíveis. Se isso fôsse no ano seguinte, não seria tão conveniente. Eles teriam já 13 anos.

Retrato de um Menino de 13 Anos

Quando o rapaz se aproxima dos 13 está entrando na adolescência. Fisicamente, emocionalmente e intelectualmente, ele sente que tem perturbações. Torna-se pensativo e introvertido. Seu temperamento torna-se impulsivo e explosivo, com ocasionais manifestações de violência física. O seu antigo entusiasmo dos 12 anos foi substituído por uma observação atenta da vida. Sua tendência é estar sempre em guarda, tropeça nas palavras,

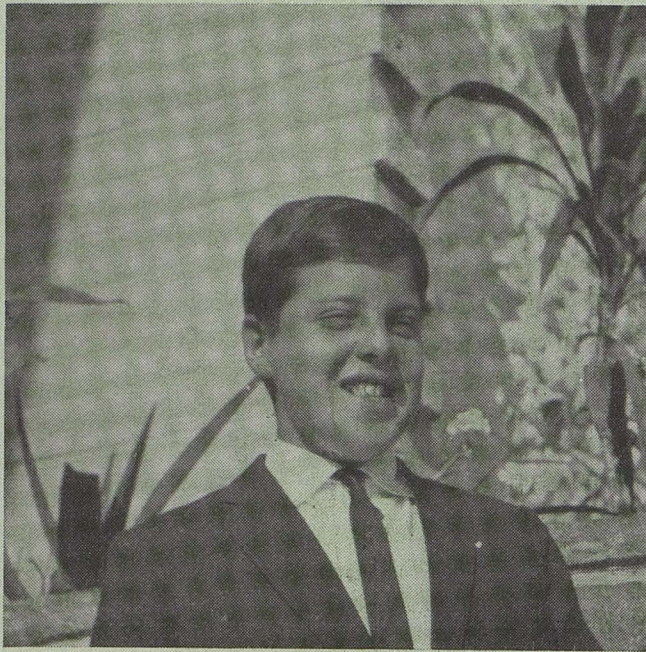


Foto de Floriano P. da Costa

querendo encontrar exatamente a que mais lhe convém, hesita em agir até que sinta estar certo. Tem menos do brinçalhão do ano passado e é mais estudioso.

Um rapaz de 13 anos é capaz de portar-se bem na escola, contanto que o ambiente favoreça. O seu maior discernimento pede desafios, e se ele não os encontrar na escola, irá procurá-los fora. Gosta de sessões agitadas onde possa se manifestar. Detesta ser arguido na classe, mas aceitará um desafio numa discussão informal. Gosta de duvidar, de ponderar e de decidir por si mesmo. Está agora lutando pela sua independência física e intelectual, não obstante tem medo de se desprender inteiramente.

Essa situação confunde os pais. O rapaz de 13 anos foge de uma relação íntima e calorosa com seus pais, mas critica-os por não lhe darem mais atenção. Está muitas vezes com a família mas não como parte dela. É ríspido com os irmãos e irmãs entre 6 e 12 anos, porém muitas vezes mostra afeição pelos mais novos. Ele pode estar sentado, vendo televisão, e levantar-se no meio do programa para perambular sozinho. Parece estar pensando em coisas distantes. Essas coisas são mais visíveis nos lares desajustados ou instáveis. O rapaz de 13 anos sente dentro de si turbilhonamentos quando seus pais brigam, e procura fugir da situação sonhando acordado. Seus problemas, ele os leva para a escola, e senta-se na classe em estado de hipnose.

Nessa idade começa a fazer certa discriminação na escolha de amigos. Alguns dos atrativos da "turma" estão desaparecendo. A menos que haja algum jovem líder excepcional na comunidade, seus pais terão dificuldade em mantê-lo ativo num clube de escotismo, embora o trabalho do clube 4-H possa interessá-lo em alguns dos seus projetos. Pode ser que ele entre para algum clube na escola, especializando-se em rádio, fotografia ou modelos de aviões. Gosta de sair com algum camarada

favorito, para conversar ou trabalhar em algum projeto, a portas fechadas. Ele está construindo o seu próprio mundo.

Para um rapaz de 13 anos as meninas têm uma importância real, porém distante. Eles estão "por fora", nalgum lugar. O rapaz nessa idade começa a fazer tudo o que pode para impressionar as meninas, muito freqüentemente, porém a exagerada atenção às meninas fá-lo rodopiar como uma piorra. Quer que as meninas sejam recatadas e sonhadoras para que, com segurança, possa persegui-las à distância.

Algumas escolas já experimentaram colocá-los em classes só de rapazes, concluíram, porém que era uma tolice administrativa. O rapaz de 13 anos não gosta de ser obrigado a certos convívios. Gosta de freqüentar reuniões mistas onde predominem rapazes, para se sentir seguro. Para eles, as moças são mais criaturas do que companheiras. Sairá da sua concha para tomar parte num jogo de trocar beijinhos, mas se é surpreendido, não gosta, porque quer aparentar ser diferente dos outros. Secretamente, entretanto, ele acha que beijar está certo, quando é preciso fazê-lo como parte da brincadeira.

Rejeitado ou Superprotegido?

Há dois tipos de rapazes que são perturbados no início da adolescência. Um é o rejeitado e, o outro é o superprotegido. O rapaz rejeitado é aquele que freqüentemente chega à casa para receber uma série de reclamações:

"Feche a porta"

"Feche a torneira"

"Não pise na lama"

"Que? Esses sapatos já estão estragados?"

"Desligue o rádio!"

"Quem foi que lhe perguntou?"

"Você não faz outra coisa senão ver televisão?"

"Você é o menino mais preguiçoso do quarteirão."

"Não me traga mais esse pirralho do Carlos novamente aqui."

"Você não pode sentar-se direito na mesa?"

O rapaz sabe quando está sendo estôrvo para os pais — principalmente quando está chegando aos treze anos. Isso é o princípio do período de "dar o fora". Milhares de rapazes deixam o lar, todos os anos, por sentirem-se rejeitados. Mesmo que o rapaz não abandone fisicamente o lar, mentalmente ele pode abandonar seus pais. Ele manifesta isso assaltando à noite, roubando automóveis, cometendo vandalismo, indo jogar bilhar depois da aula ou praticando algum vício. Sabe que essas práticas o afastarão dos pais, mas ele as procura, deliberadamente, como vingança. Trata-se de mostrar aos pais que ele é capaz de feri-los.

Embora pareça estranho, um rapaz superprotegido poderá fazer a mesma coisa.

A superproteção é uma outra forma de rejeição. "Mimos" podem chegar a tal ponto que se transformam num símbolo de destruição. O rapaz sente que aquele

aluvião de amor o está afogando. Nunca pode ser êle mesmo, nunca pode fazer algo por si mesmo ou procurar algo por conta própria. Sempre lá está a mamãe para o fazer. Por fim, o rapaz chega a pensar que, realmente a mãe não o ama, está apenas procurando saciar o seu instinto maternal.

Sente-se como mosca prisioneira — pronta a explodir para ser livre. O crime torna-se, muitas vèzes, o símbolo dessa liberdade.

Por que Aumenta a Delinquência Juvenil?

As pressões da vida moderna conjugadas com as fôrças do início da adolescência frequentemente combinam-se para dar lugar aos grupos criminosos, e são parte dos múltiplos problemas da juventude. Os especialistas estão começando a sentir que, a própria sociedade está contribuindo para a criação do problema, levando em consideração valores que estão se revelando falsos. Êsses fatos tornam-se particularmente evidentes em nações, das mais progressistas, tais como Suécia, Inglaterra e Estados Unidos.

Êstes países têm o maior desenvolvimento sociológico, mas seguidamente, são os rapazes de 13 e de 14 anos que cometem os crimes de violência, normalmente cometidos por adultos.

Muitos peritos acham que, devido à nossa ansiedade de alcançar novos níveis de prosperidade, de liberdade e vida confortável para todos, tomamos exemplos fora das possibilidades humanas.

Não sòmente diminuímos as restrições para os adultos, mas praticamente, cancelamos tôdas as restrições para a juventude.

O resultado foi o aumento da criminalidade a alturas estratosféricas.

Para reconstruir as “barreiras de segurança” da sociedade, é necessário pouco tempo. Basta eliminar alguns falsos valores e divulgar alguns verdadeiros.

Quais são alguns dêsses valores?

1. A idéia de que as crianças podem ser criadas, indiferentemente, tanto por escolas de enfermidades, por alguma agência social ou por suas mães.
2. Que há delinquência juvenil sòmente nas grandes cidades e nos quarteirões pobres.
3. Que a juventude não é responsável pela sua conduta criminosa até que passe a idade juvenil.



(continuação da pág. 19)

tômicas. Certamente, esta vida que para cada um de nós permanece, seja na mortalidade, ou após a mortalidade, está plena de excitação de conhecer os detalhes de como cada poder é produzido ou gerado.

Talvez, depois de tudo, a capacidade de desejar, de trabalhar por êle, de obter e integrar o conhecimento e de saber e expressar gratidão ao Senhor por haver incluído esta capacidade em nossas plantas, seja o maior de todos os poderes da mente humana.

NOTAS

*O Dr. Jack B. Trunnell é professor de biologia do desenvolvimento e Diretor do Centro de Pesquisas Celulares da Universidade

4. Que o delinquente juvenil é simplesmente, “desajustado.”
5. Que o jovem sòmente se desenvolve quando tôdas as suas “necessidades” são satisfeitas.
6. Que é correto manter os jovens separados dos adultos.
7. Que é correto que os adultos se permitam práticas condenáveis, contanto que não permitam que seus filhos os imitem, até que cresçam.

Contrastando com êsses falsos postulados, quais são alguns dos princípios verdadeiros?

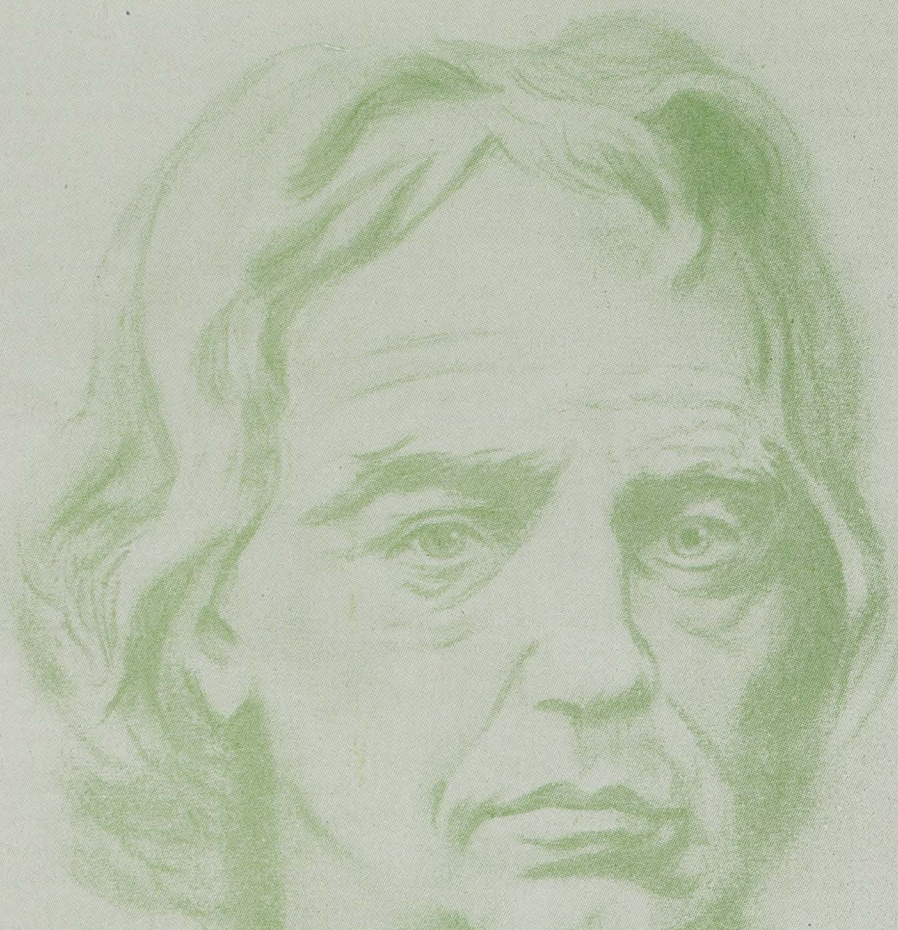
1. A sociedade nunca produziu um substituto satisfatório para uma boa mãe. Por isso mesmo, deveria fazer parte do nosso programa cultural encorajar as mães a ficar em casa com os filhos, sempre que possível.
2. A delinquência pode manifestar-se tanto nas cidades como no campo, em lares ricos ou pobres.
3. Precisamos rever a nossa tendência de proteger a juventude de seus atos criminosos, atos que foram planejados deliberadamente e calculadamente executados.
4. Todo ser humano é desajustado em algum aspecto da vida e deve aprender a se ajustar às mutáveis circunstâncias de dia a dia. Por essa razão devemos recusar fazer concessões especiais a uma juventude que se diz “desajustada”, a menos que estudos clínicos a indiquem como física ou mentalmente prejudicada, num grau significativo.
5. Logo que a criança recebeu o necessário para as suas necessidades essenciais, os pais não devem passar todo tempo evitando que o filho se sinta frustrado, ou agravando tensões.

As crianças devem ser ensinadas a trabalhar suas tensões e a satisfazer suas próprias necessidades, tanto quanto possível.

6. Há apenas um mundo, para crianças e adultos, e quanto mais cedo a criança adquire a ambição de conhecer as necessidades e as responsabilidades do mundo adulto, tanto mais cedo provará os frutos da vida bem ajustada.
7. Os pais devem decidir o que querem que os seus filhos sejam, e logo, empenhar-se em dirigi-los no sentido desejado, pelo exemplo.
De outro modo muitos jovens abandonarão seus pais. Êles se ressentem do comportamento discriminativo dos pais, que os forcem a fazer o que êles mesmos não fazem/Continua.

de Brigham Young. Obteve seu grau de Bacharel de Artes nessa Universidade e seu doutoramento na Universidade de Utah. Publicou mais de uma centena de artigos científicos originais. Foi o primeiro presidente da Estaca de Houston. Esposou Cynthia, nee Mallory; e têm seis filhos.

1. Joseph F. Smith, *Gospel Doctrine*, nona edição; Desert Book Company, Salt Lake City, Utah, 1952; p. 13.
2. D. O. Hebb, *Organization of Behaviour*; Science Editions, Inc New York, 1961; p. 153-157.
3. Wilder Penfield *The Interpretive Cortex*; Science, Vol. 129, 1959; p. 1719-1725.
4. J. McConnell, *Memory Transfer Through Cannibalism in Flatworms*; Symposium, Standfor University, abril de 1962.
5. J. Reuben Clark, Jr., *Reflective Speculation*; discurso proferido na Universidade Brigham Young, 21 de junho de 1954.



Cristóvão Colômba e a Livro de Mórmon

por Hyde M. Merrill

Lehi, numa das últimas vèzes que se dirigiu ao seu povo, fêz a seguinte importante profecia referente à terra da promessa a qual tinham sido levados. “Sim, o Senhor prometeu esta terra a mim e meus descendentes, e também a todos que fôssem trazidos de outros por Sua mão.

“Portanto, eu Lehi, profetizo, de acôrdo com os trabalhos do Espírito que está em mim, que ninguém virá ter a esta terra a menos que seja trazido pela mão do Senhor. . . “E eis que é prudente que não chegue esta terra ao conhecimento de outras nações. . .

“Portanto, eu, Lehi, obtive a promessa de que, enquanto os que o Senhor Deus tirar de Jerusalém guardarem Seus mandamentos, . . . e serão protegidos contra tôdas as outras nações, para que consigam possuir esta terra

para si próprios. . . . Se acontecer, porém, que chegue o tempo em que caíam em iniquidade. . . — digo-vos, se chegar o dia em que rejeitem o Santíssimo de Israel, o verdadeiro Messias, seu Redentor e seu Deus, eis que sôbre eles recairão os julgamentos de Deus, que é justo. “Sim, Ele trará outras nações a quem dará poder, e lhes tirará a terra de sua posse, e fará com que sejam espalhados e feridos. . . .”

Nefi já tinha visto a seguinte visão relacionada á profecia feita por seu pai:

“E o anjo me disse: Vi a cólera de Deus sôbre a semente dos teus descendentes. “E eu olhei e vi um homem entre o gentio que estava separado da semente de meus filhos por muitas águas, e vi o Espírito de Deus, que veio sôbre o homem, e ele caminhou sôbre muitas águas até a semente de meus filhos que estavam na terra prometida.”

Essas profecias mencionam vários pontos específicos: primeiro, que a terra hoje conhecida como América seria protegida pelo Senhor contra a interferência de outras nações até que os descendentes de Lehi tivessem rejeitado o verdadeiro Messias e caído em iniquidade; segundo, quando o povo se tornasse perverso o Senhor traria outras nações, trazidas especialmente por “um homem” sôbre o qual o seu Espírito trabalharia; terceiro que ele daria fôrça a êsses gentios sôbre os perversos israelitas, que ele tiraria suas mãos que tinham estado sôbre eles. Nada dissemos de nôvo, a América foi descoberta e os descendentes de Lehi subjugados. Fôsse essa a minha finalidade e eu poderia guardar a minha máquina de escrever a voltar para as minhas equações diferenciais. Essas escrituras, porém, dizem e nós aceitamos como fruto da fé, que tudo isso foi feito pela intervenção divina.

Como contribuição menor, antes de atacarmos o âmago da questão deixe-me citar o seguinte, atribuído a Sebastião Cabot, contemporâneo de Colombo e, ele próprio grande explorador. Ele conta o que a gente da época achava do feito de Colombo, descobrindo a América: A viagem de Colombo “. . . foi muito discutida pelos membros da corte do Rei Henrique VII, que então reinava, e diziam que era uma coisa mais divina do que humana, ter achado êsse caminho desconhecido antes de ir para leste quando as especiarias crescem.

Assim, para terminar, uma qualificada autoridade da época disse que, o que Colombo fêz era tão difícil para as possibilidades daquele tempo que pode ser considerado além da mera capacidade do ser humano.

Mas, para sabermos se Colombo realmente foi “trabalhado pelo Espírito do Senhor”, vamos aprender algo mais sôbre ele. Ele era estudioso da Bíblia, familiarizado com o seu conteúdo, isso se evidencia pelas frequentes referências ás escrituras que eram feitas em seus estudos. Contudo, apesar da sua grande fé religiosa, ou talvez por causa dela, ele não se entendeu com os líderes religiosos da época, quando eles se opuseram á sua viagem á Índia e não concordaram com a sua teoria sôbre a redondeza da terra, baseados numa interpretação erronea das escrituras.

Um retrato muito interessante e elucidativo do caráter de Cristóvão Colombo nos é oferecido por uns poucos parágrafos de uma carta de cunho muito reservado, escrita por seu filho Diego, em véspera de embarcar para a sua quarta e última viagem ao Nôvo Mundo: “Eu vos ordeno e vos encarrego de devotamente pagardes o dízimo de todo o dinheiro que receberdes, seja de rendas ou de outra fonte, dado em serviço do Senhor aos pobres, aos necessitados e aos parentes, antes de outros: e, se não houver nenhum onde estiverdes, põe de lado, para o mandar para eles: Se o fizerdes nunca vos faltará o que precisardes, porque Nosso Senhor proverá.

“Eu vos ordeno a honrardes todo povo com o qual entreis em contato e de o tratardes bem, desde o maior até o menor, por que são o povo de Deus Nosso Senhor. Ele vos honrará, e vos fará prosperar, se honrardes o Seu povo; e se maltratardes qualquer dêles, Nosso Senhor vos maltratará e vos afligirá se afligirdes qualquer dêles. Por isso, sêde misericordioso e Ele será misericordioso convosco.”

Os trechos acima são exemplos típicos das características dos escritos de Colombo e demonstram o testemunho profundo que ele tinha de um Deus pessoal e vivo. Isso era de se esperar, naturalmente, de um homem que era inspirado por Deus, não porém, de um homem que não o fôsse. Lembre-se da época em que isso era escrito. Colombo estava muito desacreditado. Financeiramente ele estava em apuros. e, insistir tanto com o filho para que pagasse o dízimo quando estava, praticamente sem vintem, é uma prova da profundidade da sua fé em Deus.

O documento mais interessante, porém, é a carta escrita por Colombo ao rei e á rainha da Espanha. Durante a sua quarta viagem ele naufragou nas Caraibas e mandou essa carta para o povoado espanhol mais próximo, por meio dos índios.

Primeiro que tudo, embora ele fôsse, teòricamente, Almirante dos Oceanos e Mares e Vice rei das Índias, os seus navios estavam tão deteriorados e desmantelados que era, praticamente, um suicídio levá-los ao largo oceano.

Além disso, ele estava proibido de desembarcar em qualquer povoação espanhola do nôvo mundo. E iniciava a travessia do oceano quando levantou-se tremenda tempestade, que durou 88 dias, e destruiu as velas e o cordame, abrindo fendas nos cascos dos navios. Seus navios estavam tão podres e roídos de caruncho que, com três bombas, panelas e canecas, conseguia penosamente conservá-lo flutuando. Era um milagre que tivessem escapado com vida. Assim que a tormenta amainava eles eram colhidos por outra e ficavam à mercê do tempo durante semans. Eles encontravam abrigos, os nativos, porém, não eram amigos: muitos espanhóis foram assassinados e a situação tornou-se insustentável. Ele manobrou para sair do pôrto com o navio, seu irmão, que comandava o segundo navio, não pôde sair. Neste horrível momento, precisamente, uma outra tempestade desencadeou-se, e ele viu sua vida e a vida de seus homens e de seu filho, que o tinha acompanhado, em perigo por

um bom momento. Êle estava sofrendo com uma febre terrível, ficou exausto, disse:

“Tôdas as esperanças de salvamento se foram. Lutei na parte mais alta do navio e com voz trêmula e as lágrimas correndo apelei para suas altezas capitães de guerra, dos quatro pontos cardeais e pedi que viessem em meu socorro, mas não veio resposta. Em seguida, gemendo, eu adormeci e ouvi uma voz suave que se dirigia a mim: “Tôlo, vagoroso na crença e em servir teu Deus! Que fêz Êle mais por Moisés ou por David, seu servo, do que fêz por ti? Desde tua infância Êle te conservou sob seu cuidado constante. Quando Êle viu que tinhas chegado a uma idade que se enquadrava nos desígnios que tinha a teu respeito, Êle trouxe bela nomeada ao teu nome através de tôda a terra. Êle deu a ti as Indias, que formam uma parte tão rica do mundo e tu as tem dividido como tens querido, porque Êle deu a ti o poder de o fazer. Êle deu a ti, também, as chaves das barreiras do oceano que estavam fechadas com correntes tão poderosas; e fôste obedecido em muitas terras e ganhaste uma fama honrosa em tôda a cristandade. Que fêz o Altíssimo para o povo de Israel, quando o tirou do Egito? Ou por David, que de pastor de ovelhas Êle fêz Rei da Judéia? Volte-se para Êle e reconheça o teu êrro — A Sua misericórdia é infinita. A tua idade avançada não te impedirá de realizar qualquer grande empreendimento. Êle mantém em seu poder muitas grandes heranças. Abraão tinha ultrapassado cem anos de idade quando gerou Isaque; nem era Sara jovem. Gritaste por uma ajuda incerta: responda, quem tem te afligido tanto e tão seguidamente, Deus ou o mundo? Os privilégios prometidos por Deus, Êle nunca falha em realizar; e Êle nunca diz, depois que se lhe preste um serviço, que não era isso que Êle queria, ou que Êle tinha encarado o assunto sob um outro ângulo; nem faz sofrer para mostrar o seu poder. Seus atos são conforme suas palavras; e Êle cumpre suas promessas com interêsse. Ê este áspero trato: Assim, Eu vos tenho dito o que o Criador tem feito por ti e o que Êle faz por todos os homens. Mesmo agora Êle mostra a ti, parcialmente a recompensa de tantas labutas e de tantos perigos corridos por vós a serviço de outros.

“Ouvi tudo isso, tal como era, como num transe, não tinha porém resposta a dar a tais palavras verdadeiras, e podia chorar os meus erros. Êle parou de falar, quem quer que êle seja, dizendo, “Temor não, confiança, sim; Tôdas essas tribulações estão escritas em pedra mármore, não sem razão.”

Isso não é fascinante? Na sua visão, Cristóvão Colombo ouviu algumas das coisas que Lehi disse a seu povo 2.000 anos antes, sermão êsse que foi escrito em metal, não sem razão. Primeiro, disseram-lhe que o Senhor deu-lhe as “chaves” das barreiras do oceano, significando que antes que Êle o fizesse, as barreiras estavam fechadas. Correspondentemente, nas palavras de Lehi, “. . . E eis que é prudente que não chegue esta terra ao conhecimento de outras nações. . .” (2 Néfi 1:8.)

Segundo foi dito a Colombo que o Senhor o tinha preparado com Seu vigilante cuidado, desde a infância, para êsse importante papel. Ou, como diria Néfi, o Espírito de Deus “. . . desceu. . . e trabalhou sôbre o homem. . .

Terceiro, Colombo foi informado de que o Senhor deu-lhe poder para dividir as Indias como êle achasse melhor. Isso combina com a declaração do Senhor de que

Êle daria poder a outras nações e que tiraria dos descendentes de Lehi as terras de sua possessão.

A referência no fim da visão de Colombo é interessante. A expressão “pedra mármore” é uma expressão comum, referindo-se a material durável. A constatação é que seus feitos já tinham sido escritos em “pedra mármore”. É interessante que depois da morte de Colombo, seus restos mortais foram enterrados primeiro num lugar e depois em outro.

Um viajante inglês, na Espanha, em meados do ano de 1800, época em que o valor do trabalho de Colombo era apreciado, depois de dar a descrição da pedra tumular do filho de Colombo, onde o nome de Colombo e a data do nascimento era mencionado, diz:

“Não tenho conhecimento de nenhuma outra inscrição em memória de Colombo em tôda Espanha. Em Valadolid, onde êle morreu e onde seu corpo permaneceu por alguns anos, não pude descobrir nenhuma, nem há nenhum traço de alguma em Cartuja, perto de Sevilha, para onde seu corpo mais tarde foi transportado e no qual seu irmão foi enterrado.”

“É uma notável confirmação da pecha de negligência a respeito da memória dêsse grande homem, que nessa inscrição solitária, em espanhol antigo, a data da sua morte seja dada imprecisamente.”

Portanto, mais de trezentos anos depois da sua morte, no país que êle serviu tão valentemente, nada há em “pedra mármore” para comemorar suas tribulações. A única interpretação que faz sentido é a que o mensageiro disse a Colombo, não apenas que êle era capaz de realizar o que fêz pela ajuda de Deus, mas que Deus predisse seus feitos e que essa profecia tenha sido gravada em “material durável”, não sem razão.

E, qual seria a causa? Qual poderia ser a significação da relação entre os relatos do Livro de Mórmon e o que foi dito a Colombo na sua visão?

A carta mencionando a visão foi escrita muitos anos antes da publicação do Livro de Mórmon. Durante êsse período êle foi publicado, pelo que eu sei, três ou quatro vezes em espanhol, o que era porém muito raro.

A mais antiga tradução inglesa da carta da qual eu encontrei referência, foi feita em Londres em 1847. Ela foi traduzida em inglês pelo menos duas vezes desde então e publicada diversas vezes, porém, o fato da sua existência é universalmente desconhecido. Parece que Joseph Smith e seus contemporâneos teriam, certamente, conhecimento dêste relato de Colombo.

Havendo, então, dois relatos completamente independentes que registram profecias idênticas, a autenticidade de ambas as visões, a de Colombo e a do Livro de Mórmon, o relato fica fortalecido. Como foi discutido, cada um com seu fraseado mostra o impedimento da intervenção européia no Nôvo Mundo até uma certa data, a segurança de que a influência divina preparou Colombo, e o poder pelo qual as possessões dos descendentes de Lehi lhes foram tomadas. Para explicar adiante êstes paralelos incomuns como sendo um caso de um ter emprestado do outro, nós antevemos, é completamente dissemelhante. Nenhum dos dois anula as comparações dizendo que são coincidências, por que não convencem. Há então uma outra posição: que tanto os profetas do Livro de Mórmon, — e conseqüentemente Joseph Smith — e Cristóvão Colombo, obtiveram seus conhecimentos pela revelação divina,



O Ramo de Punta Alta, além de ser o ponto mais meridional da Igreja no hemisfério ocidental, tem outra distinção ainda mais notável.

É um ramo composto quase completamente de membros que não somente possuem ofícios no sacerdócio, mas também ocupam postos na Marinha Argentina e nas Forças Armadas.

O ramo de Punta Alta, que compreende o importante pôrto de Belgrano, é uma zona bastante típica e atualmente possui oito irmãos, os quais, junto com suas famílias, constituem a maioria dos 75 membros que formam o ramo. Na foto podemos apreciar o grupo de oficiais e marinheiros argentinos, todos eles membros da Igreja.



Uma nova designação foi feita recentemente pela Primeira Presidência.

David Lawrence McKay, primeiro assistente geral da Escola Dominical desde 1952, foi nomeado como superintendente geral. Substituirá o irmão George R. Hill, desobrigado há algum tempo.

Lynn S. Richards, que anteriormente ocupava o cargo de segundo assistente, foi nomeado como primeiro assistente e Royden G. Derrick como segundo assistente.

O cargo para o qual ora está sendo apontado já foi ocupado anteriormente por seu

pai, o Presidente David C. McKay, durante os anos de 1918 a 1934.

Bastante conhecido como procurador em Salt Lake City, o irmão McKay recebeu sua educação em escolas de Ogdem e frequentou o Colégio Weber, a Universidade de Utah, a Universidade de Paris, a Universidade George Washington e a Universidade Harvard, onde doutorou-se.

Os outros líderes da nova Superintendência Geral da Escola Dominical também exercem várias atividades comerciais e culturais, além das religiosas.



L. S. RICHARDS



D. L. MCKAY



R. G. DERRICK



O élder Francisco Guillermo Rial, do Uruguai, foi chamado para servir como missionário de tempo integral na Missão Italiana, situada em Florença. O élder Rial é o primeiro uruguai a ser chamado para uma missão fora da América do Sul; há outros seis missionários uruguaios servindo em países sul americanos.

Desde que se converteu, há quatro anos e meio, o élder Rial tem sempre participado das atividades da Igreja.

Serviu durante dois anos nas missões de construção do Chile e Brasil. Atualmente é o primeiro conselheiro de seu ramo, em Rodó Sur.

A Igreja está nas Ilhas Filipinas há apenas 22 anos, mas caminha a passos firmes com a primeira capela dedicada dentre os 10 ramos existentes.

O élder Gordon B. Hinckley, do Conselho dos Doze, ofereceu a oração dedicatória, num inspirado serviço devocional, na capela distrital de Luzan em Makatu, Filipinas, Missão Extremo Leste Meridional.

O Presidente da Missão, irmão Keith E. Garner e es-

pôsa, o Presidente do Distrito Clifford H. Huntigton e seu conselheiro, também proferiram inspirados discursos.

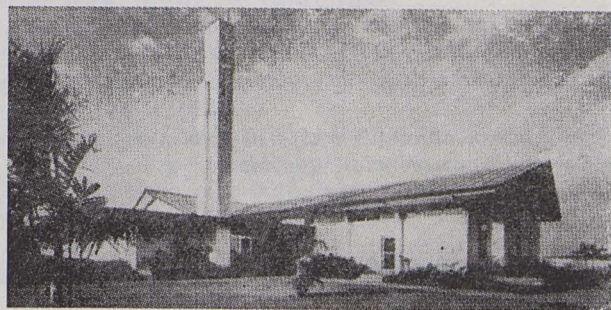
Um côro misto, das cidades de Manila e Quenzon apresentaram os números musicais da cerimônia dedicatória.

Os membros do Distrito de Luzan estão particularmente orgulhosos com o seu récorde na construção da nova capela, tendo contribuído com 28,300 horas das 63,000 necessárias para a obra.

A estátua "O Cristo", que empolgou milhares de pessoas que visitaram o Pavilhão Mórmon da Feira Mundial de Nova York tem um novo lar — o Birô de Informações do Templo de Los Angeles. No local também foi colocado um mural, representando o céu.

Os preparativos para a renovação do Birô de Informações do Templo de Los Angeles estão rapidamente sendo executados, sob a direção do Comitê Informativo.

Essa estátua é uma réplica da que se acha exposta no novo Centro de Visitas da Praça do Templo em Salt Lake City. Ambas são do afamado escultor dinamarquês Thorvaldsen.



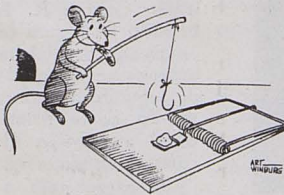
Julinha: "Mamãe, por que o papai é careca?"

Mãe: "É porque ele pensa muito, minha filha."

Julinha: "Mamãe, por que você é tão cabeluda?"

Mãe: "Ora, querida, vá brincar como boa menina."

Enquanto o tribunal de Nauvoo estava em sessão, vi dois guris brigando na rua... deixei os afazeres da côrte, acudi imediatamente, apanhei um dos garotos (que tinha começado a briga com paus) e então o outro; e após ter-lhes instruído convenientemente, passei um sermão nos circunstantes por não terem interferido em tais casos, e disse-lhes para reprimir quaisquer distúrbios na primeira investida." Profeta Joseph Smith



Dois vagabundos estavam espichados sôbre o gramado verde ao lado de um riacho mumurejante. O dia estava morno e quieto. Sonhadoramente um deles disse: "Eu não trocaria de lugar com ninguém, nem por um milhão!" "Que tal cinco milhões?" disse o outro. "Que nada, nem por cinco milhões!" retrucou o primeiro. "Bem, vá lá dez milhões, e então?" insistiu o primeiro. Então o primeiro vagabundo sentou-se. "Isso já é alguma coisa," replicou, "agora você está falando direito!"

Os homens não são animais erectos, mas deuses imortais.
Bacon

Por que é que sempre há tempo para se acabar com uma coisa e nunca para fazê-la direito?

"Você sabia que um gato tem três caudas?"
"Ué, como assim?" "Ora, você não concorda que nenhum gato tenha duas caudas?" "Lógico"
"E que um gato tem uma cauda a mais que nenhum gato?" "Certo" "Daí, um gato tem três caudas"

"E o seu marido teve sangue frio quando o ladrão entrou em sua casa?" "E como teve. Estava até batento o queixo".

Freguês: "Tem aí aquele livro, hum, "O Homem, o Senhor das Mulheres?"
Vendedora: "Veja na seção de obras de ficção, subsolo."



A você que tem apreciado o tipo de humor das tiradas aqui apresentadas, convidamos a enviar-nos sua colaboração.



Os ais do namôro: Ponto de vista da mulher: a tarefa mais dura da mulher é provar ao homem que as intenções dêle são sérias. Nada é mais aborrecido para uma garôta que perceber que o homem que a amou e a perdeu é um bom perdedor.

Artigo de Capa

Nuvens pesadas e ameaçadoras encastelam-se no horizonte, tangidas pelo vento. Parecem montanhas fantásticas que se acumulam umas sobre outras enegrecendo o céu.

Uma sensação de perigo e uma impressão de ameaça iminente pairam no ar. Os pássaros interrompem seus cânticos e buscam refúgio nos ninhos, piando lastimosamente. Os animais do campo como que eletrizados, correm às tontas em busca de abrigo.

Enquanto as águas do mar permanecem enganadoramente imóveis e como que transformadas em metal derretido, refletindo a luz fantasmagórica do céu, os corações dos homens fremem angustiados ante a ameaça próxima.

A escura massa de nuvens no horizonte cria o efeito de um crepúsculo falso, cheio de ameaças terríveis. A desgraça parece pender do alto e a expectativa da calamidade que se aproxima domina as mentes.

Muitas vezes um quadro semelhante se forma em nossas vidas: a adversidade parece prestes a cair sobre nossos lares. Negócios infortunados ameaçam levar de roldão o esforço de uma vida inteira de labor e economia; doenças misteriosas ameaçam os que nos são queridos; atitudes levianas de parentes e amigos lançam sobre nossos ombros uma repentina carga de dor e sofrimento.

São ocasiões em que sentimos que o coração se nos contrange dentro do peito, como que trespassado por um punhal degêlo, e já não temos olhos senão para o mal que nos oprime.

A vida nessas horas tem um sabor amargo, e a tentação da revolta nos envolve ante o pensamento de que todo o esforço passado foi inútil e estamos lutando sozinho contra algo muito mais forte que nós.

Esse é o momento em que somente a fé nos pode salvar, impelindo-nos a olharmos para o alto. Além das nuvens escuras que nos cobrem, acima dos pesadelos e ameaças que nos infelicitam, ainda brilha no infinito azul, como um sol que promete dias de alegria depois de passada a tempestade, a luz do amor de nosso Pai Celestial.

Há pessoas que só confiam em Deus quando tudo lhes corre bem e podem ver através do ar claro um futuro brilhante e feliz, bem próximo do alcance de suas mãos. Se não puderem ver tudo róseo ao redor, se não sentirem que tudo corre segundo os seus planos mais otimistas, perdem a fé e mergulham no desespero.

Confiemos em Deus na hora difícil, tenhamos certeza de que, apesar das nuvens tempestuosas que se acumulam sobre nossas cabeças, o sol ainda brilha acima delas e voltaremos a ver dias de luz, se confiarmos no potente braço do Senhor, que está sempre próximo para nos amparar.

Os que vivem em comunhão permanente com o Pai, e nele confiam não somente nas horas alegres, como nos momentos de dificuldade sabem disso perfeitamente e compreendem as palavras do profeta:

“... ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vida; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas; todavia eu me alegrarei no Senhor: exultarei no Deus da minha salvação”. (Hab. 3:17-18).



EM NOVA EDIÇÃO!

REVISTA e Ampliada, um dos Livros mais lidos em Toda Igreja.

UM PRESENTE INESQUECIVEL!

400 páginas de cativante leitura! Uma exposição autorizada da Doutrina Mormon

Agora numa luxuosa encadernação padrão para as obras fundamentais da Igreja, as quais você tem satisfação de incluir como indispensável em sua biblioteca. Peça-a imediatamente ao CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO